

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**DANIELA PINHEIRO DA SILVA
MARLISA DE OLIVEIRA AMORIM**

631 CONDOTA INCONVENIENTE

**UFRJ / CFCH / ECO
Rio de Janeiro
2008**

631 **Conduta
Inconveniente**

Daniela Pinheiro da Silva
Marlisa de Oliveira Amorim

631 CONDOTA INCONVENIENTE

Relatório Técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Profº Dr. Maurício Lissovsky

Rio de Janeiro

2008

A524

Amorim, Marlisa de Oliveira

631 Conduta Inconveniente / Daniela Pinheiro da Silva. Marlisa de Oliveira Amorim. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

76 fl.:il.

Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, 2008.

Inclui DVD (19 min 25 seg)

Orientador: Maurício Lisovsky

1. Rio de Janeiro – Polícia Militar. 2. Auto- imagem. 3. Comunicação Social – Relatório Técnico. I – Silva, Daniela Pinheiro da. II – Lisovsky, Maurício. III – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Escola de Comunicação. IV – Título

CDD: 363.22098153

Daniela Pinheiro da Silva
Marlisa de Oliveira Amorim

631 CONDOTA INCONVENIENTE

Relatório Técnico submetido à Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2008.

Profº Dr. Maurício Lissovsky, ECO - UFRJ

ofº Dr. Sebastião Amoedo de Barros, ECO - UFRJ

ofº Dr. Fernando Fragoso, ECO - UFRJ

Profª Drª Fátima Fernandes, ECO - UFRJ

Pr

Pr

Daniela Pinheiro:

À minha querida mãe, por sempre estar ao meu lado.

Marlisa Amorim:

A todos os policiais militares do Estado do Rio de Janeiro, que diuturnamente arriscam suas vidas pela sociedade, sem ter o devido reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar aqui, bem e saudável. Quero também agradecer a todas as pessoas que tornaram este dia viável: minha mãe Regina, por me apoiar e me presentear o equipamento indispensável para a confecção desse trabalho, minha terapeuta, por motivos óbvios, minha madrinha Sylviane por me ajudar quando preciso, meu pai Maurício, pelo constante contato e minha dupla e amiga Marlisa Amorim, por compartilhar as dores e as alegrias de fazer esse trabalho. Gostaria também de agradecer aos professores Maurício Lisovsky e Fátima Fernandes pelas dicas sempre pertinentes.

Daniela Pinheiro

A Deus pela proteção e saúde. Aos meus pais, Samuel e Marli Amorim, que mesmo distantes fisicamente estão sempre ao meu lado. À Daniela Pinheiro amiga e grande parceira nessa empreitada, sempre compreensiva e dedicada. Ao super namorado, Daniel Neves, que deu dicas pertinentes para o engrandecimento desse projeto. Ao Ten Cel Rogério Leitão pela indispensável ajuda oferecida no transcorrer do processo. A Maurício Lisovsky pela importante orientação. Por fim, à Fátima Fernandes por acreditar na idéia e dar total apoio na sua concretização.

Marlisa Amorim

**“No país em que vivemos, somente santos
com vocação ao martírio seriam os policiais
que desejamos.”(RIBEIRO, 2000)**

RESUMO

AMORIM, Marlisa de Oliveira; SILVA, Daniela Pinheiro da. **631 Conduta Inconveniente**. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação Radialismo), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

631 Conduta Inconveniente semeia reflexões importantes que podem impactar toda sociedade fluminense. A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro é uma organização de estrutura burocrática, vinculada diretamente ao Estado pela Secretaria de Segurança. Esta instituição, formada por mais de 38.000 homens e mulheres ainda é bastante desconhecida. Pouco se sabe sobre o exercício da profissão policial militar e muito do que se sabe é produzido pela mídia. No presente trabalho, visa-se a mostrar a visão interna dos policiais das radiopatrulhas da capital do Rio de Janeiro a cerca da sua profissão e como eles imaginam que a sociedade os enxerga, apresentando informações e dados até então ignorados pela maioria da população, pretendendo, assim, promover reflexões sobre o tema e subsidiar o fortalecimento da Segurança Pública no Rio de Janeiro.

ABSTRACT

AMORIM, Marlisa de Oliveira; SILVA, Daniela Pinheiro da. **631 Conduta Inconveniente**. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação Radialismo), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

631 Inconvenient Attitude brings an important reflexion which will, hopefully, generate an impact over Rio de Janeiro's society. The Military Police is a burocratically organized institution which is attached to the Safety Secretary of The State of Rio de Janeiro. This institution - formed by over thirty-eight thousand men and women is still very unknown. Very little is known about the job description of a military policeman, and most of what is known is produced by communication vehicles. This final paper is intended to show an internal look at the daily-work of radio-patrol officers of Rio de Janeiro's City. It also presents how these policemen think society faces them, as well as data previously ignored by population is shown in this research, in order to engage society and policemen in a reflexion over what was shown. Such reflexion should, consequently, support change Rio de Janeiro's Public Security.

1. (AUTO)IMAGE. 2. MILITARY POLICEMAN. 3. SOCIAL COMMUNICATION - FIRST DRAFT OF EXPERIMENTAL PROJECT.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	Pauta das Entrevistas	p. 52
Apêndice B	Cronograma	p. 53
Apêndice C	Orçamento	p. 54
Apêndice D	Roteiro Original	p. 55
Apêndice E	Segundo Roteiro	p. 56
Apêndice F	Roteiro Final	p. 60
Apêndice G	Capa do DVD	p. 63
Apêndice H	Ficha Técnica	p. 64

LISTA DE ANEXOS

Anexo A	A Polícia Militar na Segurança Pública	p. 66
Anexo B	Santos na Polícia	p. 67
Anexo C	Organograma da PMERJ	p. 70
Anexo D	Modelo do Termo de Cessão de Imagem	p. 74
Anexo E	Autorização da PMERJ	p. 75
Anexo F	Autorização de Trilha Sonora	p. 76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Contexto do Problema.....	14
1.2	Objetivo do Projeto.....	17
1.3	Justificativa da Relevância do Projeto.....	18
1.4	Organização do Projeto.....	18
2	PRÉ-PRODUÇÃO.....	20
2.1	Referencial Teórico.....	20
2.2	Definição da Estrutura do Documentário.....	22
2.3	Pauta das Entrevistas.....	24
2.4	Pesquisa e Seleção de Personagens e Locações.....	24
2.5	Autorização das Entrevistas	26
2.6	Divisão das Tarefas e Gerenciamento do Cronograma e Orçamento.....	26
3	PRODUÇÃO.....	28
3.1	Fotografia.....	28
3.2	Logística.....	30
3.3	Relatório de Filmagem Dia-a-Dia.....	30
4	PÓS-PRODUÇÃO.....	38
4.1	Decupagem e Elaboração do Segundo Roteiro.....	38
4.2	Montagem e Definição do Roteiro Final.....	39
4.3	Trilha sonora e Escolha do Título.....	42
4.4	Finalização, sonorização e mixagem.....	43
4.5	Confecção da Capa do DVD.....	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	48
	APÊNDICES.....	51
	ANEXOS.....	65

1 INTRODUÇÃO

A elaboração desse projeto experimental tem como premissa alcançar não só a graduação, mas um sentimento de realização pessoal. É necessário, de antemão, estipular de que assunto tratar. Decide-se, pois, escolher o tema da percepção da auto-imagem dos policiais militares da capital do Rio de Janeiro e sua interação com o público. Os motivos são diversos e perpassam a imagem que esses profissionais evocam na sociedade, o que pode não condizer com a realidade corporativa e, ainda, a necessidade de haver mais estudos acadêmicos sobre questões de segurança pública.

Valem ser destacados três conceitos mencionados que merecem ser abordados com mais cautela para delimitar sob que prisma são usados neste trabalho: imagem, realidade e segurança pública.

Primeiramente, o conceito de imagem. De acordo com Nuno Vaz (2003, p.53), “é um conjunto de idéias que uma pessoa tem ou assimila a respeito de um objeto, e que forma na sua consciência um entendimento particular sobre tal objeto, seja ele um fato, uma pessoa ou uma Instituição”.

Imagem pode ser vista como o quadro de referências a que o consumidor recorre para avaliar o “nível” de simpatia ou interesse que determinada idéia merece. A construção da imagem é o resultado de várias idéias que o receptor entende como pertinentes a uma determinada coisa, no caso, a Instituição sob análise. Não só as idéias que são transmitidas objetivamente ao receptor, mas alusões que cada pessoa pode fazer àquela Corporação, baseada em sua experiência de vida.

Entretanto, a imagem que uma pessoa faz de uma Instituição não necessariamente define sua postura frente a questões específicas que envolvam a mesma. Pode-se sofrer

influências, como, por exemplo, da opinião pública, a qual estabelece padrões psicossociais de orientação do comportamento humano.

Segundo Caldas e Leitão (2008, p.19), imagem “caracteriza-se por uma representação mental formada a partir de vivências, lembranças ou percepções passadas e passíveis de serem modificadas por novas experiências”.

Dentro desse contexto insere-se a auto-imagem, sendo então, o conjunto de idéias, conceitos, opiniões e imagens que alguém tem de si mesmo, bem como a imagem que supõe projetar para os outros. Sobre os policiais militares, é preciso conhecer sua autopercepção para se compreender melhor as nuances de sua profissão.

E quanto à realidade? Essa parte integrante das experiências constitutivas da imagem de uma Instituição (no caso a Polícia Militar)?

Deve-se assumir que o real não é estático, pré-construído, que o real é fruto de um processo de relações do homem com os outros homens e a natureza. “Ele depende do lugar que cada um ocupa no espaço geográfico, social, político, econômico etc.” – como afirma Walty (1999, p.19). Nesse vídeo, pretende-se mostrar um fragmento da auto-imagem dos policiais militares das radiopatrulhas na capital do Rio de Janeiro.

A escolha de vídeo documentário se dá, porque, como afirma Metz (1991, p. 7), “a combinação da realidade, da movimentação capturada pelo vídeo e da aparência das formas, dá a sensação de concretude e a percepção de objetiva realidade”.

Em relação ao conceito de segurança pública, entende-se, segundo o caput do Artigo 144 da Constituição Brasileira de 1988, ser “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, [...] exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio [...]”.

Segurança: derivado de segurar, exprime, gramaticalmente, a ação e efeito de tornar seguro, ou de assegurar e garantir alguma coisa. [...] Tem o mesmo sentido de seguridade que é a qualidade, a condição de estar seguro, livre de perigos e riscos, de estar afastado de danos ou prejuízos eventuais. E Segurança Pública? É o afastamento, por meio de organizações próprias, de todo perigo ou de todo mal que possa afetar a ordem pública, em prejuízo da vida, da liberdade ou dos direitos de propriedade de cada cidadão. A segurança pública, assim, limita a liberdade individual, estabelecendo que a liberdade de cada cidadão, mesmo em fazer aquilo que a lei não lhe veda, não pode turbar a liberdade assegurada aos demais, ofendendo-a. (L'APICCIRELLA *apud* SILVA., 2003)

Numa sociedade em que se exerce democracia plena, a segurança pública garante a proteção dos direitos individuais e assegura o pleno exercício da cidadania. Neste sentido, a segurança não se contrapõe à liberdade e é condição para o seu exercício, fazendo parte de uma das inúmeras e complexas vias por onde trafega a qualidade de vida dos cidadãos.

O conceito de segurança pública é amplo, não se limitando à política do combate à criminalidade e nem se restringindo à atividade policial. Enquanto atividade desenvolvida pelo Estado é responsável por empreender ações de prevenção e repressão, oferecendo estímulos ativos para que os cidadãos possam conviver, trabalhar, produzir e se divertir, protegendo-os dos riscos a que estão expostos.

As instituições responsáveis por essa atividade atuam no sentido de inibir, neutralizar ou reprimir a prática de atos socialmente reprováveis, assegurando a proteção coletiva e, por extensão, dos bens e serviços.

Dentro desse contexto, encontra-se a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), Instituição organizada com base na hierarquia e na disciplina. A PMERJ é uma organização prestadora de serviços no que tange a preservação da segurança pública do Estado. Sendo assim, a eficiência do seu serviço depende da colaboração e do apoio que recebe do público. Se não obtiver e conservar a confiança dos cidadãos da comunidade, a sua eficiência e eficácia diminuirá e estarão em julgamento a sua integridade e a sua capacidade.

Ainda que se trate de um esforço institucional, o papel mais importante é desempenhado pelo policial, porque é precisamente por meio da experiência pessoal dele com o cidadão na rua,

que se originam as atitudes do público em relação a toda a organização prestadora de serviço, no caso, a PMERJ.

Diante das definições dos conceitos supracitados, a explicação do que é, neste projeto, o vídeo documentário, qual o seu estilo, seu objetivo, bem como a justificativa e relevância podem ser mais bem compreendidas adiante.

1.1 Contexto do Problema

Na grave crise da segurança pública pela qual nosso país atravessa nos últimos anos, se inserem as Corporações das Polícias Militares. Elas têm como missão precípua, de acordo com o Artigo 144, Inciso V, § 5º da Constituição Brasileira de 1988, a ostensividade e a preservação da ordem pública, sendo, porém, forças auxiliares¹ e reserva do Exército, responsável por promover a sensação de segurança à sociedade em cada estado da Federação.

A polícia é uma Instituição que, apesar de guardar uma íntima relação com o poder de Estado, mantém um relacionamento direto com a sociedade, sendo constantemente demandada pelo público a desempenhar numerosas e diversificadas tarefas que escapam às funções policiais tradicionais.

A sociedade em geral não compreende o papel das polícias. De acordo com Amaral *apud* Paixão e Beato (2007, p.3) “uma das razões do mal-estar existente entre a polícia e o público é que a polícia é uma das organizações mais desconhecidas neste país”.

Muitos não sabem sequer a diferença entre as funções desempenhadas pela Polícia Civil (Polícia Judiciária) e pela Polícia Militar (Polícia Administrativa). A primeira é essencialmente investigativa, atuando após a realização do crime ou da contravenção, agindo na sua repressão;

¹ O termo “Auxiliares”, refere-se às Polícias Militares e aos Corpos de Bombeiros Militares, no que tange as suas possíveis atuações em “auxílio” às Forças Armadas, em casos nos quais esteja ameaçada a soberania nacional e nos casos de guerra externa. Em situação normal de paz, às Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares são Corporações Militares Estaduais, subordinadas aos respectivos Governadores de Estado, tendo missões destinadas a Segurança Pública e ao Bem Estar do cidadão. (OLIVEIRA, 2000, p. 65)

já a última é ostensiva, preventiva, responsável por transmitir a sensação de segurança à sociedade, como pode ser melhor compreendido no Anexo A.

Existe sobre o tema uma profusão de opiniões que ganham evidência em épocas marcadas por episódios polêmicos, que envolvem a polícia e são divulgados pela mídia. Muitas dessas opiniões são ilações vagas, de pouca importância, mas de valor midiático, que não contribuem para o entendimento da verdadeira necessidade da Instituição policial militar.

É muito comum ver nas primeiras páginas dos jornais manchetes mencionando a atuação policial. Muitas vezes, percebe-se uma posição generalista por parte da imprensa que tende a ressaltar as falhas pontuais da Corporação em detrimento dos sucessos alcançados.

Sabe-se que a opinião pública, em parte, é influenciada pela posição adotada pelos meios de comunicação formais. No caso da polícia, essa imagem é cada vez mais denegrida e a ficção colabora para torná-la pejorativa: não raro vê-se em telenovelas e romances policiais a figura retratada como pessoa patética e truculenta, tal como pode ser observado nas obras: *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), *Tropa de Elite* (2007), *Cidade de Deus* (2002), *Ônibus 174*(2002), *América* (2005), *Desejo Proibido* (2007/08), *Prova de Amor* (2005/06), *Caminhos do Coração* (2007/08) e *Vidas Opostas* (2006/07).

A repercussão dessas incompreensões permite a construção de uma imagem inadequada ao papel do policial militar, dificultando ainda mais a solução do problema da criminalidade. Há de se ressaltar que, entre os policiais militares, existe uma percepção diversificada da sua auto-representação e esse é o assunto abordado no documentário.

Policiais são humanos (acredite se quiser!) como o resto de nós. [...] Policiais dão palestras, fazem partos e entregam más notícias. [...] Na TV, o policial é um idiota que não conseguiria encontrar um elefante numa geladeira. Na vida real, espera-se dele que encontre um menininho loiro, “mais ou menos desta altura”, numa multidão de quinhentas mil pessoas e que fica se escondendo da polícia porque seus pais o ensinaram a ter medo como forma de educá-lo. Na ficção, ele recebe ajuda de detetives particulares, repórteres e de testemunhas “eu sei quem foi”. Na vida real, quase tudo que ele recebe do povo é “eu não vi absolutamente nada”. [...] Ele “vira a noite”, dobra escalas e trabalha aos sábados, domingos e feriados. [...] Quando um policial é bom, dizem que ele “é pago para isso”. Quando comete um erro “é um corrupto e isso vale para todos os outros da raça dele”. [...] Policiais educam muitos filhos, muitas vezes, os filhos dos outros. [...] Têm que ser imparciais, educados e sempre lembrar do slogan “a seu serviço”. Policiais recebem elogios por salvar vidas, evitar distúrbios e trocar tiros com bandidos (de vez em quando sua viúva ou sua mãe, recebe o elogio). Mas algumas vezes, o momento mais recompensador é quando, após fazer alguma gentileza a um cidadão, ele sente o caloroso aperto de mão, olha nos olhos cheios de gratidão e ouve, “obrigado e que Deus te abençoe”. Eu sou um POLICIAL e me orgulho de ser agraciado por DEUS por gostar do que faço, dedicar-me mesmo com o risco da própria vida em prol desta sociedade que é cega e não reconhece o meu trabalho, um dia isso vai mudar! (CHENG, 2008)

Como se vê, a profissão policial necessita ser melhor compreendida pelo seu público para que haja um fortalecimento da segurança pública. É importante perceber que esses homens e mulheres são oriundos da sociedade e utilizam-se da farda policial para exercer um meio profissional como qualquer outro.

A respeito da polícia [...] costumamos descrevê-los como se eles não se originassem de nós mesmo, o povo brasileiro. Como já disse algumas vezes, não são marcianos, são gente como nós, a maior parte com biografias semelhantes às nossas. Aprendemos uma espécie de defesa automática para exorcizar o grau de responsabilidade que cada um de nós tem, quer queira ou quer não, e usamos logo a terceira pessoa [...] (RIBEIRO, 2000)

Vale ressaltar, nesse momento, que o texto mencionado de João Ubaldo Ribeiro com o título Santos na Polícia (Anexo B) foi o principal incentivador para realização do documentário. O texto apresenta uma reflexão sobre a profissão policial, analisando o comportamento incoerente da sociedade sobre o tema. A partir dele, surgiu a idéia de retratar a profissão policial militar pela visão dos próprios policiais – sua auto-imagem, a interação com a sociedade, a interferência da mídia e relatos de ocorrências.

Porém, como a PMERJ policia todo o Estado, sendo formada por mais de 38.000 homens e mulheres, e oferece vários tipos de serviço, como se pode constatar no Anexo C, optou-se por focar a uma fração da Instituição que tem contato direto com a população, as radiopatrulhas da capital do Rio de Janeiro. Segundo o Manual Básico do Policial Militar (M4), elas são um tipo de patrulhamento motorizado, compostas por uma guarnição de dois praças, normalmente, um graduado (1º, 2º ou 3º sargento) – o comandante da radiopatrulha (RP), formando dupla com um cabo ou soldado, além da viatura e o rádio de comunicação.

Ainda segundo o M4, a função da RP é o patrulhamento das ruas, sendo acionada pelo rádio quando a central de operações da área recebe alguma demanda que necessite do pronto emprego da força policial. Os policiais que nela trabalham possuem a escala de serviço de 12 horas diurnas com 24 horas de folga, com subsequente 12 horas de serviço noturno e 48 horas de descanso.

Nesse projeto, o serviço da RP é o foco para se retratar um fragmento da profissão policial militar e sua interação com a sociedade.

1.2 **Objetivo do Projeto**

No documentário, tem-se como objetivo promover uma reflexão de ambas as partes: do policial militar e da sociedade civil sobre suas atuações no contexto da segurança pública.

O primeiro deve conscientizar-se de que a sua imagem é muito influenciada pela qualidade do serviço prestado, ou seja, seu o contato direto com o público. A segunda deve se dar conta do papel fundamental da sua participação, pois a eficiência e eficácia do serviço policial diminui se não houver colaboração dos cidadão, o que por consequência desencadeia maior sensação de insegurança para ambas as partes.

1.3 Justificativa da Relevância do Projeto

As justificativas para a escolha desse tema se resumem a dois pontos: a reflexão gerada a partir percepção da visão interna da profissão policial militar, agregando informações diversas do que são costumeiramente repassadas pelos meios audiovisuais, acarretando, assim, uma melhor compreensão da sociedade civil acerca do tema, o que poderá influenciar no fortalecimento da segurança pública do Estado. Aliado a isso, encontra-se uma escassez de literatura sobre o assunto – o que poderá servir de incentivo à sociedade acadêmica.

1.4 Organização do Projeto

Este trabalho é composto por cinco capítulos, nos quais são explicados os passos da realização do projeto de final de curso, do seguinte modo:

No Capítulo 1, é apresentado o tema do projeto experimental no contexto em que se insere, além dos objetivos pretendidos, as justificativas para a relevância do trabalho, descrevendo, também, a organização do projeto em si.

Já no Capítulo 2, é exposto o referencial teórico do tema abordado, toda a fase de pré-produção do curta, a elaboração da sua estrutura, o esboço do roteiro, a pesquisa dos personagens, as negociações necessárias para a realização das entrevistas, a escolha das locações, reorganização do cronograma da filmagem, enfim, todo o processo realizado antes das filmagens.

No Capítulo 3, trata-se da descrição da produção em si: como as filmagens se desenrolaram, o que deu certo e o que deu errado, quais foram as técnicas utilizadas nas gravações, como foram solucionados os imprevistos etc.

No Capítulo 4, é exposta a etapa realizada após as filmagens, que engloba, por exemplo: a decupagem e a organização do material gravado, a edição, a finalização e a sonorização, a realização da identidade visual do DVD, entre outras coisas.

Enfim, no Capítulo 5, é exposta uma pequena síntese geral de todo o processo realizado, mencionando os pontos fortes e os pontos fracos e analisando o alcance do objetivo inicial proposto.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

Neste capítulo, é apresentado o planejamento técnico e estrutural da produção do documentário. Primeiramente, realizou-se um diagnóstico da situação e foram feitas escolhas estratégicas básicas. A seguir, confeccionou-se um pré-roteiro e as perguntas que norteariam as entrevistas. De posse desse material partiu-se para a triagem dos entrevistados. Uma vez escolhida a abordagem da realidade policial somente da capital do Rio de Janeiro, estabeleceram-se as locações. Com todos esses dados coletados, foi possível determinar a quem se deveria dirigir o termo de autorização da gravação: o oficial responsável pelo setor de relações públicas da PMERJ. Partiu-se, então, para a confecção do cronograma em função da possibilidade das gravações e especulação do orçamento.

2.1 Referencial Teórico

Ao decidir realizar o documentário, buscou-se construir um referencial teórico sobre o tema capaz de subsidiar as escolhas de personagens, locação e linguagem audiovisual. O referencial teórico foi elaborado a partir de uma intensa pesquisa sobre a Polícia Militar e seus policiais, desenvolvida nas bibliotecas acadêmicas, com o auxílio dos bancos de dados fornecidos pela *internet*, bem como nas bibliotecas especializadas no tema da segurança pública.

Porém, como já mencionado na justificativa do projeto, há uma acanhada produção científica sobre o tema relacionada à visão interna dos policiais, pois a maioria dos pesquisadores interessados no assunto policial se preocupa essencialmente com a repercussão dos efeitos das ações policiais no meio social, fazendo com que ainda haja um branco científico a respeito das indagações de como se processam as relações internas numa Corporação policial.

Dado o objeto de estudo, houve a necessidade de ampliar a leitura sobre duas vertentes: tudo o que concerne à auto-imagem dos policiais militares e as características do meio de comunicação mais adequado para transmiti-la.

A autopercepção dos policiais militares foi anteriormente discutida na introdução desse projeto. Quanto ao segundo item, a comunicação, como afirma Bordenave (1982, p.23), evolui de uma pequena semente – a associação inicial entre signo e objeto – para formar linguagens e inventar meios que vençam o tempo e a distância. Um desses meios é o audiovisual, nesse caso representado pelo vídeo documentário.

A utilização da palavra vídeo se dá em virtude do uso da tecnologia digital, leia-se, segundo Barbosa e Rabaça (2001, p.754) o conjunto de dispositivos necessários à reprodução eletrônica de imagens em um receptor de televisão e equipamentos analógicos.

Bernadet (2000, p.17), afirma que a estrutura é cinematográfica e se dá pelo cinema ser a reprodução da realidade, a reprodução da visão do próprio homem, embora neste caso a visão seja formada por uma sucessão de seleções – princípio da montagem. Metz (1991, p.4), defende que filmes dão a impressão de testemunho de um espetáculo quase real, mais do que uma novela, uma peça ou um quadro figurativo. Os filmes despertam um mecanismo de participação por meio da mobilização de afetividade e da percepção no espectador, o que faz deles uma forma de arte mais convincente.

Por tudo isso, optou-se pela linguagem audiovisual, no caso um documentário, para a transmissão da mensagem desejada com maior impacto. As características do gênero escolhido será analisado adiante na estrutura do documentário.

2.2 Definição da Estrutura do Documentário

A estrutura do documentário baseou-se nas imagens reais de um dia de trabalho de uma guarnição de RP, intercaladas com entrevistas de alguns policiais militares no desempenho de suas funções, relacionadas ao serviço de contato direto com o público.

Desejava-se iniciar o vídeo com um *clip*, onde se intercalariam imagens representativas da cidade do Rio de Janeiro, ações policiais e comunidades carentes. Pretendia-se com isso, contextualizar o que seria demonstrado ao longo do documentário. Foi pensado também em utilizar logo após o *clip*, entrevistas da cúpula da Corporação, para que o espectador entendesse a posição funcional dos personagens principais dentro do contexto da Instituição.

Quanto ao estilo, usando a categorização de Bill Nichols (2005, p.62), pode-se dizer que se trata de um documentário do “modo participativo: enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto”.

Entende-se aqui como modo participativo o tipo de documentário capaz de dar ao espectador a idéia do que é para o cineasta estar numa certa situação e como essa situação se altera por consequência dessa “visitação”. Propõe a “verdade” de um encontro entre o cineasta e seu tema, e não uma verdade absoluta e imparcial.

Nichols (2005), defende ainda que os documentários participativos partem da premissa de que é possível para o cineasta testemunhar o objeto de estudo/observação representado por alguém de forma ativamente engajada, como um ator social como qualquer outro observado. O quase se refere ao poder conferido ao cineasta pelo uso da câmera – a qual influencia o meio, impreterivelmente – e à possibilidade de controle do que é capturado e usado na montagem.

É possível perceber uma negociação de relacionamento entre os dois mundos: o do cineasta e o dos atores de seu objeto de estudo. Essa troca de subjetividades distintas é que marca a riqueza do também chamado “cinema verdade”. Esse encontro estabelece uma relação bastante específica e útil para o objeto desse trabalho.

A intervenção das cineastas é explícita, não há narrações, não só para marcar a opção pelo estilo participativo, mas também por esse estilo ter a gravação mais rápida e estabelecer uma intimidade maior entre entrevistador-entrevistado, tendo por consequência maior desenvoltura dos prazas ao responderem perguntas cientes das alterações de comportamento provocada pela câmera.

Essa confluência cineasta-tema é a mais adequada também devido à situação em que os prazas se encontram na ocasião da entrevista: todos estão em horário de trabalho e a maioria demonstra medo de expor sua imagem, temendo futuras retaliações.

Um grande exemplo nacional desse estilo e de quem esse projeto definitivamente “bebe da fonte” é o cineasta Eduardo Coutinho. Seu estilo, como afirma Araújo (1997, p.2), privilegia o imprevisto, a tensão compartilhada e o que é construído no momento da filmagem. O importante é esse cruzamento de vivências, o cruzamento do real e do imaginário, da experiência, da memória que recria e transforma aquela verdade para o entrevistado.

Eduardo Coutinho não pretende esconder as diferenças entre seu mundo e o mundo filmado. Ainda segundo a referida autora, é assumindo a diferença de mundos que é possível achar pontos de igualdade e estabelecer a intimidade entrevistador-entrevistado. Cabe relembrar nesse ponto, que a diferença de “mundos” refere-se apenas a uma das autoras do projeto, interlocutora das entrevistas realizadas, que desconhecia, até então, a vivência policial militar.

É nesse enchejo que o diretor julga importante deixar na montagem momentos que explicitem o evento da gravação em si: os momentos de hesitação e silêncio. Afinal, eles fazem parte da “verdade” do documentário, defende Araújo (1997).

2.3 Pauta das Entrevistas

A pauta das entrevistas se baseou no que se pretende mostrar ao espectador, o que foi definido na estrutura do documentário. As perguntas foram planejadas de forma diversificada para cada grupo, por exemplo, a cúpula da Corporação responde perguntas inerentes a sua função, apenas para que o espectador situe o entrevistado no organograma da Instituição, caso estas imagens fossem necessárias na montagem.

Já as perguntas formuladas aos profissionais da RP enfocaram a relação deles com a sociedade, como eles se vêem neste contexto, o que recomendariam para que houvesse uma melhora na relação entre ambos e os casos pitorescos de interação com a sociedade. A pauta das perguntas formuladas aos entrevistados encontra-se no Apêndice A.

2.4 Pesquisa e Seleção de Personagens e Locações

Como o projeto se limita a abordar o policiamento da área da capital do Rio de Janeiro, foram selecionados pelo critério de conveniência quatro batalhões da capital metropolitana, sendo um de cada região da cidade (zona sul – 2º BPM, centro – 5º BPM, zona oeste – 14º BPM e zona norte – 22º BPM). A conveniência da escolha foi determinada pelos contatos nos referidos batalhões, em cada um deles existia um Oficial do ciclo de amizade da autora.

Em seguida foi realizada uma pesquisa de campo, através de dois caminhos distintos: primeiro uma busca nos registros internos da seção de Relações Públicas da PMERJ por atuações de destaque de policiais militares no exercício da função, aliado à seleção entre os policiais militares das RP, de ambos os sexos e todas as graduações (soldado, cabo, 3º, 2º e 1º sargento) por parte dos Oficiais de ligação das unidades, que indicaram duas duplas de RP por batalhão, fornecendo um total 16 pessoas.

Foi solicitado aos Oficiais de ligação que as indicações dos entrevistados, levassem em conta, o carisma e desenvoltura do policial, além é claro da voluntariedade, pois há no meio policial um certo receio de se expor fardado frente a um meio audiovisual, por medo de eventuais retaliações.

Entretanto, cabe ressaltar que mesmo com a indicação dos superiores hierárquicos, em duas das quatro unidades visitadas, houve imprevistos: quando os indicados se davam conta que suas imagens seriam expostas num vídeo, voltavam atrás e recusavam a entrevista. Sendo assim, foi necessário realizar uma rápida seleção entre os que estavam de serviço no dia da filmagem, o que deu uma balanceada nas indicações dos superiores, fornecendo também agradáveis surpresas.

Em relação aos personagens que representam a cúpula da Instituição, a pesquisa foi direcionada aos cargos e após isso se estabeleceu o critério de conveniência (conhecimento prévio do Oficial em questão), disponibilidade e carisma.

As locações foram necessariamente o ambiente de trabalho dos entrevistados: os batalhões, viaturas e áreas de policiamento, efetivamente, as ruas. Não foram feitas modificações nas locações das entrevistas, a fim de transmitir a maior “realidade” possível do local de trabalho dos policiais.

2.5 Autorizações dos Entrevistados

Entretanto, para que o documentário fosse concretizado foi necessária a autorização de cessão de imagem de cada entrevistado, além da autorização do Comando Geral da PMERJ.

O modelo de autorização de uso de imagem foi confeccionado pela mãe da Daniela Pinheiro, Regina Célia Pinheiro, advogada.

A autorização de cessão de imagem foi solicitada no momento da entrevista (Anexo D), já a do Comando da Corporação será relatado ao final do processo, na fase de pós-produção, momento em que foi concedida a autorização formal.

2.6 Divisão das Tarefas e Gerenciamento do Cronograma e Orçamento

A divisão das tarefas foi estratégica na realização do vídeo. Desde a formação da dupla, pensou-se em dividir as tarefas para se conseguir maior êxito no trabalho. Não foi difícil realizar essa divisão já que cada participante se identificava mais com uma parte do planejamento do projeto, sem, é claro deixar de gostar das outras.

Marlisa, pela profissão que possui, teve mais simpatia e facilidade com a parte de pré-produção, ficando responsável por arrumar os contatos, autorizações, agendar as gravações etc. Já Daniela, com experiência em produções audiovisuais, esteve à frente das filmagens. A pós-produção ficou a cargo de ambas, pois nessa fase se delimitou a idéia transmitida pelo projeto.

Vale destacar que a divisão de tarefas teve apenas a função de atribuir responsabilidades e agilizar o processo, e que as duas integrantes participaram com pleno compromisso em todas as fases do trabalho, com sugestões, críticas, troca de informações e idéias.

Cabe ressaltar, que o contato com o editor Sérgio Brenner do Centro de Produção e Multimídia (CPM) da Escola de Comunicação – UFRJ e a reserva da ilha de edição da ECO foi realizada nesta fase, pré-produção.

Foi necessária, ainda, a elaboração do cronograma e do orçamento, diante das previsões feitas nessa fase. No entanto, ambos foram constantemente adequados à realidade dos acontecimentos, como por exemplo: modificação de datas, acréscimo de despesas, disponibilidade dos entrevistados e a autorização da filmagem. O cronograma e o orçamento encontram-se, respectivamente, nos Apêndices B e C.

3 PRODUÇÃO

Neste capítulo, são apresentadas as etapas das filmagens em si. Para a concretização dessa fase foi imprescindível a preocupação com a fotografia do vídeo, bem como a logística para a concretização das gravações. Com esses dois itens definidos, as filmagens transcorreram com tranquilidade de acordo com a disponibilidade dos entrevistados selecionados na pré-produção.

3.1 Fotografia

Segundo Lins (2007, p.11) “[...] é possível filmar e experimentar com pouco dinheiro, a partir de um desejo comum de realizar um filme e fazendo uso de tecnologias leves de baixo custo.”

Foi o caso desse projeto, devido à escassez de recursos das autoras, foi utilizado o microfone da própria câmera e a luz ambiente dos locais de gravação. Somente em uma das entrevistas feita no período noturno, utilizou-se os faróis de dois carros para iluminar melhor o ambiente que estava muito escuro – o que deu um resultado bem interessante ao quadro.

Sobre a não utilização do microfone direcional é o momento de ressaltar que, a princípio, foi solicitado junto a ECO o empréstimo do microfone, até por recomendação do editor Sérgio Brenner. Porém, após contato com Consuelo Lage, responsável pela CPM, constatou-se que o único equipamento da ECO já estava reservado para um outro projeto.

Optou-se, então, pelo aluguel do microfone, sendo logo descartado, devido à necessidade de ter o equipamento sempre a mão, pois, em virtude ao exercício da função policial, as entrevistas eram marcadas e desmarcadas com muita agilidade, o que encareceria em muito o valor do aluguel.

Como última hipótese, se cogitou a possibilidade de compra do equipamento, porém após pesquisa de preço, constatou-se a impossibilidade financeira em custear o aparelho. Sendo assim, a utilização desse importante recurso técnico tornou-se inviável, já que se esgotaram as possibilidades de aquisição do equipamento.

Como mencionado anteriormente na definição da estrutura do documentário, esse projeto recorre à linguagem que consagrou o cineasta Eduardo Coutinho – personagens dialogando com o entrevistador em seus ambientes cotidianos, câmera ligada e imagens cruas. Sendo assim, pensou-se em conduzir as entrevistas como uma “conversa informal”, deixando os policiais militares bem à vontade, a fim de dar maior legitimidade aos depoimentos coletados.

Entretanto, é preciso salientar que o fato de uma das autoras ser também uma policial militar, e no caso, oficial – 1º tenente, ou seja, hierarquicamente superior aos entrevistados das radiopatrulhas, levantou uma questão importante: em que momento divulgar à eles esse fato, pois havia o receio de influenciar de alguma forma a conduta e as respostas colhidas e assim prejudicar a linguagem escolhida para o curta. Definiu-se então por esclarecer esse ponto antes mesmo do primeiro contato com cada um deles, para evitar maior impacto no momento da gravação.

Sobre o enquadramento, optou-se por variar entre o plano médio e plano americano, com os policiais da RP no mesmo quadro, na tentativa de transmitir coesão e a unidade da dupla, mostrando o ambiente de trabalho, bem como a viatura. A escassez de tempo para as gravações, já que se utilizava o horário de serviço dos policiais, impossibilitou a utilização de planos diversos, as poucas variações se basearam na utilização do primeiro plano, para variação da estrutura.

3.2 Logística

O transporte para as locações (os batalhões e as ruas de sua área de policiamento) foi realizado sempre de carro ou táxi, devido à preocupação com a segurança dos equipamentos (câmera e tripé), o que encareceu o orçamento.

Outras despesas giraram em torno do custo com alimentação, xerox, impressão, estacionamento, telefonemas e a compra de *miniDV*s. Todas as despesas do projeto foram custeadas pelas autoras (Apêndice C).

3.3 Relatório de Filmagem Dia-a-Dia

Para a gravação foi utilizada uma câmera *miniDV* Panasonic PV-GS500, três fitas *Sony miniDV* e um tripé. As filmagens foram realizadas em sete. Nas entrevistas tentou-se, assim como Coutinho, deixar os entrevistados falarem a vontade e, a partir dos seus relatos, construir uma narrativa para o vídeo. A seguir está exposta a descrição diária das filmagens realizadas:

- **Dia 04 OUT 2008 (Sábado)**

O primeiro dia de gravação começou nas dependências do 2º BPM (Botafogo). Chegou-se ao local às 10 h e com a colaboração do 1º Tenente Vital, com o qual já se tinha feito contato prévio, foram realizadas algumas imagens internas da unidade policial, já que ocorria na quadra uma interação com a comunidade local, através de jogos esportivos.

Com o intuito de angariar imagens “coringas” e também para o *clip* de abertura foram feitas ainda, imagens no terraço do prédio do batalhão, de onde se pode capturar o Corcovado e o Morro Dona Marta.

Em seqüência, realizou-se a primeira entrevista da cúpula, a selecionada foi a 1º Tenente Michelle Fialho, comandante de companhia – função que comanda diretamente as radiopatrulhas. A entrevista foi realizada na própria sala da oficial e o único inconveniente foi o barulho feito nas adjacências, mas que após solicitação foi amenizado.

Como se aproximava o horário de almoço e os componentes das radiopatrulhas, previamente selecionados, estavam empenhados em ocorrências policiais, decidiu-se por capturar mais imagens “coringas”. Deslocou-se então para o Cosme Velho, apartamento de conhecidos, de onde se conseguiu por outro ângulo, imagens do Corcovado e de comunidades carentes próximas ao local.

Na volta ao 2º BPM, após almoço, embarcou-se na viatura da supervisão, com o 1º Ten Vital e foi-se ao encontro da primeira dupla de RP, 3º Sgt Medeiros e Cb Renne. A entrevista foi realizada na Rua Bambina (Botafogo), o barulho do movimento dos carros prejudicou um pouco, mas o material coletado foi rico e satisfatório.

Após, seguiu-se para o encontro da 2ª dupla de RP selecionada, porém surgiu um problema: um dos integrantes, quando se deu conta de que se seria filmado, voltou atrás e não quis participar. Então, com ajuda do 1º Ten Vital foi selecionada uma outra dupla de RP. Entretanto, surgiu um novo empecilho: a chuva. Solucionou-se esse imprevisto com a realização das filmagens num posto de gasolina. Os entrevistados foram os Cabos Roberto e Freitas. Suas colocações foram pertinentes e muito bem formuladas.

O primeiro dia de filmagens terminou às 18h e 30min.

- **Dia 06 OUT 2008 (Segunda-feira)**

O segundo dia de gravação foi realizado nas dependências do 5º BPM (Saúde), com início às 14h. A princípio, houve um óbice, as duplas selecionadas estavam empenhadas em ocorrências. Com a colaboração dos 2º Tenentes Hugo Coque e Diego Costa, selecionou-se

uma terceira dupla para a entrevista, os Cabos Magalhães e Leandro. A filmagem, devido ao tempo escasso da equipe que tinha entrevista previamente marcada com o comandante do 23º BPM (Leblon) às 15h e 30min, foi realizada no interior da unidade. O material colhido foi sem grandes formulações, mas válido.

Na seqüência, dirigiu-se ao 23º BPM para entrevista com o Comandante, Coronel Millan. Ao contrário do material anterior, essa entrevista foi uma alegre surpresa, pelas declarações pertinentes e fundamentadas.

Ao retornar ao 5º BPM conseguiu-se gravar com a dupla previamente selecionada, 2º Sgt Felix e Sd Pedroza. Porém, devido ao anoitecer, foi necessária a utilização de recursos para a iluminação. Optou-se por utilizar os faróis de dois veículos, o que deu um bom quadro de gravação. O resultado foi riquíssimo e empolgante, fazendo com que a equipe avaliasse a possibilidade de tê-los como os personagens principais do vídeo, gravando trechos de um dia de serviço de RP.

“A sociedade vê o policial como salvador da pátria, essa é a verdade. O policial é o escudo da sociedade. [...] Só que a polícia não pode representar todo mundo, tem que fazer a parte dela na segurança pública.” FELIX [Opinião sobre como o policial imagina ser percebido pela sociedade]. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Daniela Pinheiro e Marlisa Amorim na garagem do 5º BPM em 06 de outubro de 2008.

As filmagens terminaram às 18h e 30min.

- **Dia 09 OUT 2008 (Quinta-feira)**

Neste dia, as gravações foram realizadas nas dependências da Invernada dos Afonsos – local onde se localiza a Academia de Polícia Militar, área do 14º BPM (Bangu), com início às 13 h. A princípio, entrevistou-se o 1º Tenente M.Alves, representando a função do supervisor. Sua entrevista foi concisa e satisfatória.

Após, a dupla de RP formada pelo Cb Aleixo e Sd Salema concederam entrevista. Houve, nesse ponto, uma preocupação maior com o som, pois o ambiente de gravação era muito aberto e a voz do Sd Salema baixa. Porém, após a realização da filmagem, com retorno da fita de gravação, percebeu-se que o som tinha ficado razoável, não era necessário refazer. O conteúdo dessas entrevistas foi interessante.

A segunda entrevista foi realizada com policiais que possuíam a mesma graduação e nome de guerra: Cb Alex. O teor do material colhido foi bom, com alguns posicionamentos fortes, porém verdadeiros: “A sociedade vê a gente da forma com que ela necessita. Se ela precisa da gente ela liga, ela procura, mas quando ela não precisa ela quer ver a gente o mais distante possível dela. [...] É reconhecer que a gente vive numa guerra e a guerra vai ter baixa sempre dos dois lados.” ALEX [Opinião sobre o que o policial acha que pode mudar na relação dos policiais e a sociedade]. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Daniela Pinheiro e Marlisa Amorim na Fazenda dos Afonsos em Sulacap em 09 de outubro de 2008.

O término das gravações ocorreu às 16 horas.

- **Dia 10 OUT 2008 (Sexta-feira)**

Esse foi o dia mais curto de gravação, pois se realizou apenas uma única entrevista. O entrevistado foi o Cel Marcus Jardim, Comandante do 1º Comando de Policiamento de Área (1º CPA), responsável por todos os batalhões convencionais do centro, zona sul e quase totalidade da zona norte. Esse encontro foi remarcado mais de uma vez, devido a imprevistos ocorridos com o Oficial em questão. A gravação foi realizada nas dependências do Quartel General da PMERJ (Centro), local sede do 1º CPA e teve início às 19 horas. O material colhido foi excessivo para o que se pretendia – apenas o nome, função e uma rápida explicação do trabalho desempenhado. A filmagem foi findada às 19h e 30 min.

- **Dia 11 OUT 2008 (Sábado)**

O quinto dia de filmagens ocorreu durante a realização de uma ação comunitária no 22º BPM, promovida pela PMERJ e a fundação Leão XIII. Nesse evento a comunidade da Maré teve acesso a diversos tipos de serviços, como: emissão de identidade, carteira de trabalho, cabeleireiros, dentistas, oftalmologistas, entre outros, além de shows e oferecimento de lanches. As filmagens tiveram início às 8h e 30min e começaram com a tomada de *takes* “coringas” do evento em questão.

Esse foi o dia de maior dificuldade para a realização das entrevistas, pois o contato das autoras não estava no local, bem como não tinha comunicado previamente aos selecionados da realização das gravações. Esse grande óbice foi solucionado após longas negociações com os policiais de radiopatrulhas que estavam de serviço naquele dia. A maioria deles se negava a ceder a entrevista por receio de expor seus rostos num meio audiovisual e aquela unidade tinha um complicador ainda maior, ser rodeada por comunidades carentes dominadas pelo tráfico de drogas. Ao final de muita persistência e contando com a colaboração de alguns policiais que gostaram da idéia do projeto, conseguiu-se duas duplas de RP, das quais não se teve o menor contato prévio.

A primeira dupla, formada pelo 2º Sgt Mário e Sd Dantas forneceram um material sem muitas novidades, mas satisfatório. “A sociedade não chegou ao ponto de entender que também nós temos família. Não somos só policiais, não nascemos assim, nós temos família”, MÁRIO [Opinião sobre como o policial imagina ser percebido pela sociedade]. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Daniela Pinheiro e Marlisa Amorim nas dependências do 22º BPM em 11 de outubro de 2008.

Já a segunda dupla foi uma excelente surpresa. O 1º Sgt Caetano e, principalmente, o Cb Davson cederam a melhor entrevista até então do trabalho. Davson já tinha sido recomendado por colegas desde o começo da labuta em angariar voluntários, porém relutava dizendo que

apesar de não ter receio de aparecer, não tinha nada para acrescentar, pois tratava-se de um “policial muito truculento”. Somente após muita insistência e incentivo de colegas de farda, aceitou ser entrevistado.

Suas falas foram contextualizadas, embasadas, inteligentes e muito bem articuladas. “As pessoas querem uma polícia canadense no Rio de Janeiro, elas esquecem que nós somos frutos do meio. Eu sou carioca da baixada fluminense, então eu sou fruto do meio. Eu sou um cidadão comum, praticamente... E as pessoas querem um policial canadense aqui no meio, que apareça, que surja no meio do nada. Um policial trangênico, inventado, super educado e que saiba lidar...” DAVSON [Opinião sobre como o policial imagina ser percebido pela sociedade]. Rio de Janeiro, 2008. Entrevista concedida a Daniela Pinheiro e Marlisa Amorim nas dependências do 22º BPM em 11 de outubro de 2008.

A gravação teve seu término às 12 horas.

- **Dia 15 OUT 2008 (Quarta-feira)**

Esse dia de gravação foi pensado devido a necessidade de se refazer a entrevista de uma dupla de RP do 2º BPM, devido a problemas com o áudio e também pela necessidade de se descartar o material filmado da 1º Ten Michelle Fialho, já que a entrevista dada pelo Cel Millan (23º BPM), foi mencionado que a função de comandante de companhia é desempenhada por um capitão e já se tinha colhido o material de uma tenente, o que daria incoerência ao filme.

A gravação foi realizada nas dependências do 2º BPM (Botafogo) com início às 18h e 30min. Com intuito de abranger policiais de ambos os sexos, nesse caso, optou-se por selecionar uma mulher, chamada de “fem” no linguagem militar. A dupla entrevistada era formada pela 3º Sgt Luciana e Cb M.Aurélio. O resultado foi razoável, já que a inibição da policial feminina prejudicou o bom desenrolar das filmagens.

Num segundo momento, capturou-se as declarações do Cap Martin, comandante de companhia. Sua entrevista foi satisfatória.

Às 20 horas se deu o término das filmagens.

- **Dia 18 OUT 2008 (Sábado)**

O sétimo e último dia de gravação foi realizado na área de policiamento do 5º BPM (Saúde), com início às 14 horas. A idéia era capturar imagens de trechos de um dia de serviço dos policiais previamente selecionados para compor os personagens principais do curta, 2º Sgt Felix e Sd Pedrosa.

Primeiramente, foram feitos alguns *takes* do interior do batalhão. Após, fez-se imagens dos policiais chegando na unidade de roupa comum, saindo do alojamento fardados, pegando as armas na reserva de armamento e fazendo os procedimentos de praxe para início de serviço.

Com a câmera posicionada na mala da viatura e com as autoras do projeto no banco de trás, foram gravadas imagens do serviço de RP. No decorrer da tarde e início da noite, presenciou-se três tipos de ocorrências policiais diferentes.

A primeira foi enquadrada no código 631 (conduta inconveniente) e dizia respeito a atitude suspeita de uma pessoa dentro de um bar próximo a Central do Brasil. Os policiais ao chegarem ao local, revistaram algumas pessoas dentro do bar, conversaram com os funcionários e como nada foi constatado, deram seguimento ao serviço.

A segunda ocorrência foi encaminhada a uma outra dupla de RP, porém os policiais foram em apoio aos colegas. O caso era de agressão a um menor, mas nem se chegou a dar apoio, o fato já tinha sido encaminhado à delegacia.

Já ao final da tarde, a RP recebeu uma solicitação pelo rádio de comunicação da viatura: auxiliar na ocorrência de uma outra guarnição que tinha prendido um homem que

acabara de roubar o celular de uma jovem. Chegando ao local, o preso já estava no compartimento de presos da viatura e a vítima necessitava de auxílio para ir até a delegacia de polícia (DP) registrar a ocorrência, o que foi providenciado pela dupla de RP selecionada para capturar as imagens do dia de trabalho. Seguiu-se juntamente com a vítima para a 5º DP.

Na delegacia, houve o empecilho da falta de autorização para realizar as gravações, sendo assim, só foram capturados *takes* da sua parte externa. Cabe lembrar que, enquanto não se tinha nenhum tipo de repasse da sala de operações do 5º BPM, a viatura realizava seu patrulhamento normalmente nas ruas do setor. E esse tempo foi essencial para que houvesse uma conversa informal com os policiais, o que gerou informações relevantes para o vídeo.

Destacam-se entre as declarações obtidas durante as filmagens, duas feitas pelo Sd Pedrosa: “A gente passa cada sufoco aqui!” e “[...] uma vez polícia sempre polícia.”

Ao término da jornada de trabalho da dupla selecionada, foram gravadas imagens da RP regressando ao batalhão e dos policiais em questão saindo da unidade, já a paisana, após o serviço.

O término desse dia de filmagem ocorreu às 20h e 30 min.

4 PÓS-PRODUÇÃO

O Capítulo em questão apresenta cada passo dado após o término das filmagens. A decupagem do material colhido, as escolhas feitas após essa etapa, ou seja, o segundo roteiro. A edição propriamente dita e a elaboração do roteiro final, após novas escolhas. A trilha sonora, título, confecção da marca, finalização, mixagem, sonorização e, por fim, a capa do DVD.

4.1 Decupagem e Elaboração do Segundo Roteiro

Sabe-se que esse é o processo mais importante da fase de pós-produção, pois, é quando se toma consciência de todo material gravado, funcionando como grande facilitador da edição.

No caso desse projeto, foram totalizadas três horas de gravações. A decupagem aconteceu numa das ilhas do CPM, previamente reservada, e também em equipamento próprio, levando mais ou menos uma semana para sua conclusão.

Um problema que já se esperava foi comprovado nessa fase do processo: o som direto em algumas situações estava muito ruim, o que levou a crer na necessidade de tratamento sonoro após a edição.

O processo de seleção de todo material colhido com as gravações foi cuidadosamente elaborado para a construção da linguagem proposta, sendo trabalhoso e complexo. Definir o que se deveria aproveitar e o que se deveria descartar necessitou da adoção de critérios. No caso, procurou-se aproveitar as falas de todos os entrevistados, para que se pudesse ter uma amostragem de duas duplas para cada batalhão visitado (um de cada região da cidade).

Para tanto, foram transcritas as falas de todos os entrevistados, separadas por assunto, para que na seqüência fosse definido qual delas era a mais relevante. Pode-se dizer que essa transcrição dos relatos e a identificação das respectivas imagens foi responsável por resgatar detalhes que poderiam passar despercebidos caso fosse feita uma escolha superficial de falas.

Separadas as mais interessantes, passou-se para o segundo passo, contemplar todos os policiais selecionados. Nesse ponto, surgiu uma situação a ser resolvida: havia personagens que não tinham emitido informações a serem destacadas, com isso, optou-se por contemplar a interação ou interferência feita por eles nas falas de sua dupla.

Cabe ressaltar que no decorrer das filmagens surgiram falas pertinentes ao tema, mas como poderiam gerar questionamentos maiores, podendo sair da proposta do curta, não se achou conveniente inserir no produto final.

No entanto, após a seleção do material, concluiu-se que a quantidade de informações pertinentes estava muito superior ao tempo pretendido a princípio para o vídeo, que era de somente 12 minutos. Sabia-se, desde já, que seria necessário descartar algumas idéias do roteiro original, apresentado no Apêndice D. Confeccionou-se, então, um segundo roteiro, mais enxuto e compatível com o material que se tinha arrecadado nas filmagens. Esse roteiro intermediário encontra-se no Apêndice E.

4.2 Montagem e Definição do Roteiro Final

Como mencionado anteriormente na pré-produção, foi utilizado o laboratório do CPM para editar. Essa fase apoiou-se nas observações retiradas do processo de decupagem, com a ajuda primordial de editor Sérgio Brenner, funcionário do CPM. O programa utilizado na montagem foi o Final Cut Pro.

A montagem se baseou na construção de uma narrativa a partir das imagens do dia de serviço da RP, intercaladas com os depoimentos colhidos, sobrepondo fotos de arquivo da PMERJ.

Contrariamente às informações telejornalísticas, em que a lógica do texto determina a edição das imagens, aqui é a lógica das imagens e do que dizem os entrevistados que pesa na construção das seqüências. O espectador percebe o resultado de uma mistura de personagens, falas, sons ambientes, imagens, expressões, e jamais significações prontas, fornecidas por uma voz em *off*. (LINS, 2007, p. 63)

Nessa fase, houve cinco encontros com o editor e já de início se recebeu uma boa notícia: a duração do curta poderia ter até 20 minutos, tempo de exibição solicitado nos principais festivais. No entanto, após a captura das imagens selecionadas na decupagem, só com as falas dos policiais das radiopatrulhas e os trechos de um dia de serviço, o tempo do vídeo estava em 28 minutos. Com isso, decidiu-se que as entrevistas da cúpula da Corporação não tinham condição de entrar no curta.

Mesmo assim, foi preciso enxugar ainda mais o material bruto para que ficasse na faixa aceitável dos 20 minutos. Foi, então decidido, em conjunto o que ficaria no produto final e o que deveria ser descartado, chegando-se a 19 minutos de exibição.

Uma boa solução encontrada para economia de tempo foi a exibição em *fast forward* desde a chegada dos policiais na unidade até as imagens dos procedimentos básicos para a saída da viatura.

A combinação de imagens foi feita com muito cuidado, para que se mantivesse uma harmonia estética. Segundo Xavier *apud* Frega (2006, p. 50), na narrativa clássica, o bom corte é aquele que se torna quase imperceptível aos olhos do espectador, devido à compatibilidade plástica entre os dois planos. O ritmo também deve estar de acordo com o desenvolvimento da narrativa, num jogo de tensões e equilíbrios que produza o envolvimento do espectador na trama.

Por ser a fase onde se tem a noção real do que foi produzido, é também a de maior amadurecimento. É o momento em que os erros ficam evidentes, assim como os acertos. A montagem obriga a escolha de soluções criativas, pois só se pode trabalhar com o que se tem. Deixam-se de lado os sonhos e o filme, finalmente, passa a existir, com as limitações que a materialidade exige.

Dentre todas as dúvidas do processo de montagem, a que suscitou maior cuidado foi o encerramento do filme. Pelo pouco material colhido ao término do serviço de RP, não houve muitas opções de imagem para o fim e surgiu o receio de não compreensão do espectador de que o documentário estava chegando ao fim. Decidiu-se por escurecer a imagem da viatura ao regressar ao batalhão, na seqüência, mostrar os policiais saindo a paisana da unidade com a voz ao fundo de uma declaração marcante do filme.

Por causas distintas, o orientador Prof^o Maurício Lissovsky bem como a Prof^a Fátima Fernandes, responsável pela disciplina Projetos Experimentais II em Radialismo, assistiram ao primeiro borrão do projeto. Prof^o Lissovsky, por motivos óbvios – orientação do trabalho devido à experiência na linguagem audiovisual – e a Prof^a Fátima para ter a noção de que o relatório que estava sendo lido refletia o vídeo que estava sendo elaborado.

Dessas exhibições, colheram-se dicas interessantes que foram aperfeiçoadas no decorrer dessa fase. Devido às modificações exigidas pela pequena duração do vídeo (20 min), foi necessário reelaborar o roteiro até que se adequasse às necessidades. O roteiro final está exposto no Apêndice F.

A montagem foi bem trabalhosa e desgastante, já que a narrativa do vídeo se baseava exclusivamente na fala dos personagens. Também foi a etapa com maior discordância de posicionamento das autoras, até que, após muitas discussões de pontos de vista distintos, optou-se por uma linha a se seguir. Precisa-se deixar claro, no entanto, que o produto final reflete um enxerto dos consensos, com algumas decisões individuais em poucos momentos.

3.4 Trilha Sonora e Escolha do Título

Devido à questão dos direitos autorais, aliado à facilidade e pela temática do filme, optou-se por uma trilha sonora singular. Desde antes das filmagens, pensou-se na utilização do conteúdo musical da Banda Sinfônica da PMERJ como trilha sonora do curta.

Foram feitos alguns contatos com a Banda e solicitado material produzido por eles para que se pudesse analisar o que melhor encaixaria no vídeo. Com o recebimento dos CDs, foram selecionadas três músicas que poderiam entrar no filme, dependendo da necessidade, foram elas: Copacabana, Aquarela do Brasil e a Canção do Policial Militar.

As duas primeiras tratam-se de arranjos que contém pequenos trechos com um sambinha, o que se pensou utilizar na parte inicial do filme, do *fast forward*. Já a canção do Policial Militar seria encaixada ao final, o que não deu certo porque não se tinha uma versão só instrumental da canção. A autorização da Banda da PMERJ está no Anexo F.

No entanto, após a exibição do primeiro borrão ao orientador, as idéias iniciais da trilha sonora foram agregadas de idéias. Ele sugeriu a utilização do som das cornetas dos quartéis militares, o que foi muito bem recebido devido à originalidade e pertinência ao tema. Optou-se por dois tipos de toques de corneta: a alvorada (início das atividades no quartel) e o término do expediente (fim do serviço). A princípio tinha-se cogitado a hipótese do toque de silêncio (utilizado ao fim do dia – às 22 horas), porém foi descartado devido ao seu teor de tristeza e sua longa duração.

Já sobre o título foi um processo bem mais demorado e complexo. Pensava-se desde o início dos trabalhos que o título deveria ser inquietante, despertando a curiosidade do espectador. Não era intenção dar um título claro e auto-explicativo.

Pensou-se, a princípio, em uma pergunta. Várias possibilidades surgiram, como: Você conhece a polícia? Policial Militar: um marciano? Apenas humanos. Mas nada se encaixava por

completo a intenção do filme: demonstrar à sociedade fluminense um lado desconhecido do policial militar, a visão interna da profissão.

Porém, após várias idéias e sugestões surgiu uma grande possibilidade. Pensou-se em utilizar o código da ocorrência presenciada no curta para instigar ao espectador sobre uma possível conduta inconveniente, que seria analisada pelo próprio ao ver o filme. Chegou-se então ao Código 631 Conduta Inconveniente, que após algumas análises foi retirada a palavra código, evitando que ao ler o título o espectador o associasse à temática policial, só sabendo do que se trata ao assistir o filme. Despertando então a curiosidade.

4.4 Finalização, Sonorização e Mixagem

Na seqüência da montagem partiu-se para a finalização do filme, o que também contou com o apoio irrestrito do funcionário da CPM, Sérgio Brenner. Foram necessários mais quatro encontros na ilha 3 da CPM para concretizar essa etapa.

Com a finalidade de dar uma identidade visual ao título escolhido – 631 Conduta Inconveniente, decidiu-se pela criação de uma logo. O processo de criação foi bem rápido e simples. Para tanto, foi solicitada ajuda do Sd Da Conceição, que trabalha no setor de Relações Públicas da PMERJ. Foram confeccionados 10 modelos e deles se escolheu a uma idéia, que foi reformulada e animada por Sérgio Brenner.

Os créditos do filme bem como algumas modificações, como o tempo de exibição de uma legenda, o momento de corte do som da corneta, o ajuste numa imagem tremida e retirada de fotos de arquivo, foram realizadas nessa fase.

A sonorização e mixagem do filme também foram feitos nas dependências da CPM, com a colaboração do funcionário, Alexandre Nascimento, mais conhecido como Fifo. Como o som das gravações foi captado exclusivamente pela câmera, o áudio do filme estava com uma

qualidade ruim, o que foi amenizado pela utilização do programa *Cool Edit*, garantindo a diminuição dos ruídos do som ambiente e uma melhor equalização do áudio.

4.5 Confeção da Capa do DVD

A capa do DVD foi confeccionada com o afetuoso apoio de Tatiana Castro, amiga e companheira de turma. Em conjunto foram sugeridas idéias para uma possível identidade visual do DVD.

A intenção era transmitir uma relação entre sociedade e a polícia militar, com a logo do título em evidência. Pensou-se em diversas possibilidades, chegando-se a um consenso de fazer quatro faixas com as seguintes fotos: uma do Pão de Açúcar - representando o Rio de Janeiro, outra dos soldados na formatura – retratando os policiais militares, na seqüência uma imagem de um aglomerado de pessoas – simbolizando a sociedade fluminense e por fim a de uma viatura policial, representando a Instituição.

Com o intuito de dar uma sensação de inconveniência ao quadro, as faixas foram divididas ao meio, sendo reordenadas e ainda para resguardar a identidade das pessoas que representam a sociedade bem como dos policiais da foto utilizada, optou-se por desfocar suas imagens. O projeto foi confeccionado no *Photoshop* e está exposto no Apêndice G.

4.6 Autorização da PMERJ

No primeiro contato com o Oficial responsável por emitir a autorização para a realização do vídeo, chefe imediato de uma das autoras, o mesmo se mostrou favorável à idéia, apesar de também se preocupar com o teor das entrevistas dadas pelos policiais militares. Havia o receio de existirem declarações que gerassem algum tipo de desgaste aos policiais e que

simultaneamente pudesse afetar a imagem da Instituição, uma vez que é sabido que qualquer Corporação por mais organizada que seja nunca é plenamente homogênea e isto poderia distorcer o objetivo inicial do projeto.

Nessa conversa, foi deixado claro que não era de interesse do projeto transmitir qualquer lado negativo da força policial. Além disso, foi também informado que longe de realizar um vídeo institucional, a intenção era mostrar a visão interna da PMERJ na fala dos policiais das RP, no que tange a função policial e como eles imaginam serem percebidos pela sociedade, saindo do lugar comum de retratar o que já é exaustivamente transmitido pela mídia.

A partir disso, houve a autorização verbal para a realização do curta, bem como foram realizados os contatos pelo Oficial Superior com todos os Comandantes de Batalhão a fim de facilitar a visita da equipe, o que foi fundamental para todo o processo de filmagem, já que qualquer policial militar só pode conceder entrevista em razão de sua função com autorização prévia do seu Comandante.

Ao final do processo, com a exibição do vídeo ao Oficial em questão, surgiram críticas e sugestões para o engrandecimento do trabalho. Em uma das declarações colhidas o entrevistado mencionou uma determinada religião, o que provocou a preocupação com a possibilidade do espectador interpretar erroneamente, como forma de preconceito. A questão gerou um contato com um integrante da crença, esclarecendo a dúvida, retirando dessa forma o receio em exibir as imagens .

No decorrer de alguns dias após essa exibição foi concedida a autorização formal para a realização e exibição do vídeo, porém com algumas restrições: o produto final só poderá ser exibido por completo, sem novas edições e impossibilitando a utilização do material gravado para novas montagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de gravar um vídeo sobre a polícia trouxe à tona questionamentos sobre o papel do diretor/criador de um vídeo. Segundo Travis (1997, p.2), “o diretor não tem como contar toda a história por ele mesmo [...] Seria mais simples o diretor ser quem escreve o *script*, atua em todos os papéis, grava todas as cenas, desenha todos os cenários e figurinos, edita o produto final e monta a trilha sonora.” Não é possível fazê-lo, primeiramente porque isso não resultaria em trabalho artístico algum e, finalmente, porque esquece-se o principal papel dessa história: aquele de quem vai assistir.

O espectador é o verdadeiro responsável pelo que se compreende de um filme. Não importa que critérios foram usados para criar uma narrativa, para produzi-la e editá-la. Ela se destina a um público e é a ele que se deve agradar. Essa angústia de encarar um universo totalmente desconhecido para montar um documentário destinado a ser aprovado ou reprovado por alguém é muito desconfortável e, ao mesmo tempo, muito enriquecedora. Mas como o vídeo se destina a seu público, espera-se que a audiência aprecie vê-lo ainda mais do que se apreciou fazê-lo.

A seguir, são apresentadas as visões particulares civil e militar do projeto, fazendo um contraponto das percepções de quem não pertence ao objeto de estudo e de quem está incluída no contexto analisado.

Antes dessa aventura, o contato com policiais militares era inexistente. Conhecia-se uma única policial, que ainda assim só era vista vestida de sua postura “cidadã”, em oposição à postura militar, descoberta com o projeto. A partir desse trabalho, foi redefinida a concepção do que é a Polícia Militar e sua estrutura. Houve oportunidade de conversar com pessoas com histórias de vida bem diferentes e que, antagonicamente, vivem tão perto e com estilo de vida semelhante.

Surgiu oportunidade também de entender a função do policial que atende à população nas ruas, bem como conhecer o lado humano desses homens aos quais se costuma atribuir características que praticamente lhes privam de humanidade: são trabalhadores que têm casas, famílias, valores, deveres e direitos como qualquer outro; simplesmente optaram por fazer parte de um grupo de guardiões da tranquilidade e pagam o respectivo preço por isso. Espera-se que também colham os louros – seria, pelo menos, mais justo.

Já a Oficial sente-se plena por concretizar um sonho: mostrar um pouco da profissão que desempenha, tão desvalorizada para pessoas do mesmo ciclo social, que, muitas vezes, não entendem e até criticam essa opção. Porém, algumas questões cabem ser lembradas sobre o processo de criação do projeto:

Logo de saída se percebeu que não seria nada fácil filmar no ambiente de trabalho, pois as responsabilidades de oficial perante a tropa seriam confrontadas com as relações de uma produtora com seus personagens. A distância normalmente mantida na profissão se transformaria em intimidade, e as possíveis cobranças e reivindicações dos entrevistados recairiam sobre os ombros – o que não parecia uma perspectiva confortável e, ainda assim, esse foi um risco assumido.

O receio de não expor demais os policiais selecionados, bem como a Instituição, era uma inquietação a todo instante. Cabe lembrar que o objetivo do trabalho não era focar os pontos negativos da corporação, nem realizar um “vídeo institucional”. Sendo assim, a preocupação de não transmitir idéias equivocadas ao espectador foi um dos nortes que, a todo instante, pedia nas decisões dos rumos do documentário.

Enfim, esse projeto termina com uma grande expectativa acerca das opiniões e, principalmente, reflexões que o filme provocará. Se o objetivo foi realizado ou não, só a reação dos espectadores diante da exibição do filme revelará.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, et al. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
- AMARAL, Juracy Costa. **A Organização da Polícia Militar de Minas Gerais**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. 2007. UFPE, Recife. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT30%20Viol%C3%Aancia%20e%20Sociedade%20seguran%C3%A7a,%20controle%20e%20castigo/Microsoft%20Word%20-%20Texto_para_XIII_Congresso_da_SBS.pdf Acesso 25 Out 08.
- AMÉRICA. Novela de Glória Perez. Direção: Marcos Schechtman. Produção: TV Globo. 2005.
- AUMONT, J. **A Estética do Filme**. Papyrus. Campinas, 2002.
- BARBOSA, Gustavo Guimarães, RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro. Campus, 2001.
- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo. Brasiliense, 2000. 117p.
- CALDAS, Paulo Frederico Borges; LEITÃO, Rogério Luiz Teixeira. **Imagem Institucional da Polícia**. Coleção Instituto de Segurança Pública. Série Formação Policial. Volume 9. Rio de Janeiro. 2008. 48p.
- CAMINHOS do Coração. Novela de Tiago Santiago. Direção: Alexandre Avancini. Produção: TV Record. 2007/2008.
- CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Imagem/Swen. Rio de Janeiro, 2002.
- CHENG, Roberto. **Ser Policial**. 2008. Disponível em: <http://www.universopolicial.com/2008/08/policiais-so-humanos.html> Acesso em: 31 OUT 08
- DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: histórias, teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- DA-RIS, S. **Espelho Partido, Tradição e Transformação do Documentário Cinematográfico**. Azougue Editorial. Rio de Janeiro, 2004.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Contraponto, 1997. 238p.
- DESEJO Proibido. Novela de Walter Negão. Direção: Luis Henrique Rios. Produção: TV Globo. 2007/2008.
- FREGA, Marina Ferreira. **Diário do Temporal**. 2006. 85 f. Relatório de Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social, habilitação Radialismo) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (org.). **Comunicação, cultura e consumo**. A (des)construção do espetáculo contemporâneo. Rio de Janeiro, RJ. E-papers Serviços Editoriais, 2005. 276p.

FUNARTE/DECINE. Site Decine – **Como organizar uma produção cinematográfica**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ctav-sav.com.br/ferramentas/org-prod.htm> . Acesso em: 07 Ago 08.

L'APICCIRELLA, Carlos Fernando Priolli. Revista Eletrônica de Ciências - Número 20 -Julho de 2003. Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_20/seguranca.html . Acesso em 25 Out 08.

LINS, Consuelo. **O Documentário de Eduardo Coutinho** – Televisão, Cinema e Vídeo. Zahar. Rio de Janeiro, 2007.

LISBELA e o Prisioneiro. Direção: Guel Arraes. Co-Produção: Globo Filmes, Natasha Filmes, Fox Filmes do Brasil, Estúdios Mega e João Paulo Diniz. 2003.

MACHADO, Arlindo. **O vídeo e sua linguagem**. In: Revista da USP – Dossiê Palavra / Imagem, número 16. São Paulo: Edusp, 1993.

METZ, Christian. **Film language: a semiotics of the cinema**. Traduzido por Michael Taylor. Chicago. Oxford University Press, 1991. 268p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas. Papyrus, 2005. 270p.

NOTÍCIAS de uma guerra particular. Direção: João Moreira Salles e Kátia Lund. Produção: VídeoFilmes. Rio de Janeiro, 1999.

OLIVEIRA, Fernando Corrêa. **Coletânea de Legislação: embasamentos relativos a procedimentos policiais militares**. Niterói, 2000.

ÔNIBUS 174. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Rio de Janeiro, 2002.

ORRICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema de novo: um balanço crítico da Retomada**. São Paulo. Estação Liberdade, 2003. 254p.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Site da PMERJ. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.policiamilitar.rj.gov.br/> . Acesso em: 19 Set 08.

PONCIONI, Paula. **Tornar-se Policial: a construção da identidade profissional do policial no Estado do Rio de Janeiro**. São Paulo, 2003.

PROVA de Amor. Novela de Tiago Santiago. Direção: Alexandre Avancini. Produção: TV Record. 2005/2006.

REVISTA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. Ano 1986, Número 05.

REVISTA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. Ano 1988, Número 08.

REVISTA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. Ano 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Santos na Polícia**. Site da Alma Carioca – Contos e Crônica. 2000. Disponível em: <http://www.almacarioca.net/santos-na-policia-joao-ubaldo-ribeiro> Acesso em 25 Out 08.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2002.

SANTA Marta – Duas semanas no morro. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Instituto de Estudos da Religião (Iser). Rio de Janeiro, 1987.

SANTOS, Rudi. **Manual do vídeo**. Rio de Janeiro. UFRJ, 1995.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis. Vozes, 1984. 156p.

TRAVIS, Mark. **Directing Feature Films**. Michael Wiese Productions. 2ª edição. 1997. 402 p.

TROPA de Elite. Direção: José Padilha. Produção: Universal. Rio de Janeiro, 2007.

VIDAS Opostas. Novela de Marcílio Moraes. Direção: Alexandre Avancini. Produção: TV Record. 2006/2007.

XAVIER, Ismael. **O Discurso Cinematográfico**. Paz e Terra. Rio de Janeiro.1984.

XAVIER, Ismael. **A Experiência do Cinema**. Graal. Rio de Janeiro.1983.

WALTY, Ivete Lara Camargo. **O que é ficção**. Brasiliense. São Paulo. 1999. 84p.

Apêndices

Apêndice A – Pauta das Entrevistas

Para a cúpula

- 1) Cite seu cargo na Polícia Militar e o situe dentro do organograma da instituição.
- 2) Explique qual é a sua função dentro da estrutura da Corporação.

Para as rádiopatrulhas

- 1) Como você se vê perante a sociedade? (Em relação a sua imagem como PM)
- 2) Como você acha que é visto pela sociedade?
- 3) O que você acha que deve mudar no relacionamento entre vocês, policiais militares, e a sociedade?
- 4) Qual é o tipo de ocorrência que vocês mais atendem?
- 5) Relate casos pitorescos / estranhos / engraçados de interação com a sociedade.

Apêndice B - Cronograma

O cronograma é planejado levando em consideração a realização de atividades em todos os dias de semana, inclusive sábados, domingos, feriados e pontos facultativos.

MÊS	SEMANA	ATIVIDADE
AGOSTO	De 04 a 10	Leitura dos textos relativos ao tema
	De 11 a 17	Leitura dos textos relativos ao tema
	De 18 a 24	Leitura dos textos relativos ao tema
	De 25 a 31	Elaboração da estrutura do roteiro
SETEMBRO	De 01 a 07	Pesquisa de personagens e estabelecimento de contato
	De 08 a 14	Pesquisa de personagens e estabelecimento de contato
	De 15 a 21	Negociação das entrevistas e locações
	De 22 a 28	Negociação das entrevistas e locações
OUTUBRO	De 29/09 a 05	Organização do cronograma de filmagem e filmagem
	De 06 a 12	Filmagem
	De 13 a 19	Filmagem, decupagem e organização do material gravado
	De 20 a 26	Decupagem, organização do material gravado e edição
NOVEMBRO	De 03 a 09	Edição e Confecção do Relatório segundo as normas da UFRJ
	De 10 a 16	Edição / Entrega do Relatório Final
	De 17 a 23	Finalização e Sonorização
	De 24 a 30	Entrega dos DVD's para banca examinadora

DEZEMBRO E ANO DE 2009	De 01 a 07	Preparação teórica para a apresentação do Projeto Experimental à Banca Examinadora
	De 08 a 14	Apresentação do Trabalho para a Banca Examinadora
	De 15 a 21	Divulgação do vídeo
	De 22 a 28 Ano de 2009	Divulgação do vídeo

Apêndice C - Orçamento

O orçamento é confeccionado sem considerar os custos com equipamentos e com a edição, já que possuímos a câmera e a ilha de edição é da Escola de Comunicação, UFRJ.

FASE	AÇÃO	VALOR	FONTE
PRE PRODUÇÃO	Xerox de textos	R\$ 30,00	Própria
	Compra de MDVs	R\$ 100,00	Própria
	Combustível	R\$ 33,00	Própria
	Telefonemas	R\$ 12,00	Própria
PRODUÇÃO	Alimentação	R\$ 156,60	Própria
	Combustível	R\$ 110,00	Própria
	Estacionamento	R\$ 6,50	Própria
	Xerox das autorizações	R\$ 5,20	Própria
	Táxi	R\$ 62,00	Própria
	Pedágio	R\$ 14,60	Própria
	Telefonemas	R\$ 30,00	Própria
PÓS PRODUÇÃO	Combustível	R\$ 85,00	Própria
	Telefonemas	R\$ 45,00	Própria
	Impressões do Relatório	R\$ 17,00	Própria
	Xerox do Relatório Final	R\$ 175,00	Própria
	Encadernação do Relatório	R\$ 15,00	Própria
	Compra de DVD's	R\$ 15,00	Própria
	Impressões da Capa dos DVD's	R\$ 30,00	Própria
	Capa para entrega do Relatório	R\$ 10,00	Própria
TOTAL		R\$ 951,90	Própria

Apêndice D – Roteiro Original

CLIP – música da Banda Sinfônica da PMERJ. Imagens dos paradoxos do Rio de Janeiro se intercalam de acordo com o ritmo da música. (imagens de favelas, de praias, do Corcovado etc)

EXTERNA/ MANHÃ

PG do batalhão. Imagens acompanhando a entrada dos policiais no batalhão. Planos *backup* dos entrevistados chegando. Zoom in para onde vamos entrar. Câmera passeia conosco para dentro do local onde os policiais trocam de roupa.

Drops dos cargos chefes explicando a hierarquia:

- 1 – Cmt do 1° CPM
- 2 – Cmt do 23° BPM
- 3 – Cmt de Cia
- 4 – Supervisor

VOICE OVER (Daniela)

Esse é o 5° Batalhão da Polícia Militar, fica no bairro da Saúde na capital do Rio de Janeiro. A gente está se preparando para acompanhar o dia de trabalho do Sargento Felix e Soldado Pedrosa que trabalham numa rádiopatrulha.

Praça 1 e 2 (Se apresentam e dão uma rápida explicação do serviço de rádiopatrulha e do que é necessário para sair da base)

Imagens em PA do carro. Planos-detalhes do interior do carro visto de fora. Volta para os praças que a gente vai acompanhar. Praça 1 e 2.

Eventuais perguntas.

PA para eles entrando no carro.

Dentro do carro. Câmera no banco de trás.

Perguntas

Corta para a opinião sobre o mesmo assunto de outros policiais.

Volta para o carro. Chamada do rádio. PP da movimentação deles dentro do carro.

Chegada ao local da chamada. PM de cada um deles saindo do carro.

Acompanha o procedimento.

Corta para os depoimentos de outros praças falando sobre casos que façam referência ao que foi retratado.

Cortes de entrevistas sobre as perguntas-padrão.

Outra chamada de rádio. Plano detalhe no rádio.

Faz-se isso com tudo o que for interessante. Ao final, PG do carro saindo.

PARTE DAS ENTREVISTAS

Imagens dos policiais conversando depois da entrevista em si. Pegar um sorriso. De repente, conseguir mudar o ângulo básico e fazer outros *takes*.

Fechar com uma frase marcante de algum praça entrevistado.

Apêndice E – Segundo Roteiro

EXT/ 5º BATALHÃO / MANHÃ

Foto fachada do Batalhão.

Imagens Pedrosa chegando. Imagens Felix chegando.

Fast Forward: Pedrosa e Felix descendo as escadas, já fardados, apanhando as armas, checando carro e coletes – procedimento padrão.

INT/ CARRO/ MANHÃ

Carro saindo do batalhão.

Chamada para código 631 pelo rádio.

EXT / BAR/ MANHÃ

Plano Aberto abordagem dos policiais no bar.

Plano americano – câmera acompanhando o retorno para o carro.

INT/ CARRO/ MANHÃ

Chamada para agressão de menor na Central do Brasil via rádio.

Félix menciona área crítica.

EXT/BOTAFOGO/NOITE

Pergunta da locutora/entrevistadora.

LOCUTORA

Como vocês se vêem como policiais?

M. AURÉLIO

“Em primeiro lugar...que eu escolhi para mim.”

PEDROSA

“Funcionário de Segurança pública...forma a sociedade.”

ALEX2

Ser policial é muito de risco...dá o valor.”

Volta para o carro.

INT/ CARRO/TARDE

Túnel – o carro entra e sai do túnel.

PEDROSA

“As pessoas...outra viatura.”

(Incluir um pouco de silêncio).

LOCUTORA

E como vocês acham que a sociedade vê vocês?

ALEX1

“A sociedade só gosta da gente...dela.”

SALEMA

“A sociedade...joio do trigo...que for necessário.”

DAVSON

“É como o sargento falou....com bons olhos.”

FELIX

“A sociedade vê o policial como o Salvador da Pátria...parte a sociedade.”

Volta para carro.

INT/ CARRO/ TARDE

FELIX

“ Como é que tá o garoto?”

LOCUTORA

O que voce acha que deve ser feito para melhorar essa relação entre a polícia e a sociedade?

ALEX 1

“ É reconhecer que estamos numa guerra...não tem como evitar.”

MÁRIO e DANTAS

“ Seria o primeiro passo..alguma coisa desse tipo.”

DAVSON e CAETANO

“ As pessoas acham...e a população”

SALEMA

“ Outra coisa...que tem da PM.”

LOCUTORA

Você acha que existe alguma outra coisa que colabora para a sociedade ter a imagem que tem de vocês?

LUCIANA

“A mídia...generalizam...para todos.”

CAETANO

“De forma geral...faz parte do jogo.”

DANTAS

“E nós temos muita coisa...mais feia.”

FELIX

“A mídia tem o papel...hoje está exposto.”

DAVSON

“É imprescindível....não quer raciocinar.”

Volta para o carro.

INT/CARRO/TARDE

PEDROSA

“A gente passa cada sufoco...preconceito ainda.”

FELIX E PEDROSA

“Tem que ir onde a ...então não vai.”

PEDROSA

“A outra pergunta...isso não.”

SALEMA

“A gente de fora...nossa alçada.”

MÁRIO

“Eu sou de 1982...mais respeito...errado.”

AURÉLIO

“Tempo maior...Deus por isso.”

FELIX

“A realidade é dura...vale a pena.”

Volta para o carro.

INT/CARRO/TARDE

FELIX

“Viu como fica tranqüilo?...a guarnição.”

EXT/ 5º BATALHÃO

LOCUTORA

Você tem algum caso engraçado ou marcante para contar para a gente?

PEDROSA

“Vou contar...satisfeito.”

DAVSON

“O caso mais engraçado...autuá-los.”

FREITAS E ROBERTO

“As pessoas...fizesse mais isso.”

FELIX

“Essa aconteceu em Jacarepaguá...para casa.”

Volta para o carro.

INT/ CARRO/ NOITE

Chamdo no rádio. Acompanhar testemunha.

FELIX

“Acabou a ...liberdade.”

PEDROSA

“Você deu muita sorte.”

Plano aberto. Imagem encaminhamento do preso.

Imagem da dupla de policiais saindo da delegacia civil.

Imagem da viatura chegando de volta ao batalhão.

Imagem “panzinha” do Felix saindo à paisana.

Imagem “panzinha” do Pedrosa saindo à paisana.

Apêndice F – Roteiro Final

Vinheta com o nome do vídeo.

Texto João Ubaldo Ribeiro: “Costumamos descrevê-los...policiais que desejamos.”

Toca corneta Alvorada.

Foto fachada do 5º Batalhão.

Foto entrada do batalhão.

Entrada Pedrosa em Plano Aberto.

Entrada Felix em Plano Aberto.

Sambinha – imagens deles descendo as escadas, pegando a arma, ajeitando o carro e os coletes em *Fast Forward*.

INT/CARRO/MANHÃ

Saída da viatura do batalhão. Chamado no Rádio para código 631.

EXT/BAR/TARDE

Plano Aberto abordagem dos policiais no bar.

Plano americano – câmera acompanhando o retorno para o carro.

INT/ CARRO/ TARDE

Resposta Félix via rádio.

FELIX

“Quanto ao elemento...tranquilo.”

EXT/BOTAFOGO/NOITE

LOCUTORA

Como vocês se vêem como policiais?

M. AURÉLIO

“Em primeiro lugar...que eu escolhi para mim.”

PEDROSA

“Funcionário de Segurança pública...forma a sociedade.”

ALEX2

“Ser policial é muito de risco...dá o valor.”

INT/CARRO/TARDE

PEDROSA

“Aproveitar para...outra viatura.”

EXT/SULACAP/TARDE

LOCUTORA

E como vocês acham que a sociedade vê vocês?

ALEX1

“A sociedade só gosta da gente...dela.”

Vinheta CASOS

PEDROSA

“Vou contar...satisfeito.”

MÁRIO

“Eu sou de 1982...mais respeito...errado.”

DAVSON

“É como o sargento falou....com bons olhos.”

Inserir imagens Maré e foto liberação de carro.

FELIX

“A sociedade vê o policial como o Salvador da Pátria...parte a sociedade.”

INT/CARRO/TARDE

FELIX

“ O setor aqui é pequeno...atender a todos. É pai de polícia.”

Risos.

PEDROSA

“ Nasceu na rua.”

Vinheta CASOS

DAVSON

“ O caso mais engraçado...autuá-los.”

EXT/SULACAP/TARDE

LOCUTORA

O que vocês acham que pode mudar nessa relação da polícia com a sociedade?

ALEX 1

“ É reconhecer que estamos numa guerra...não tem como evitar.”

MÁRIO

“A volta do respeito...temos família.”

Inserir foto policial com filhinho.

DAVSON e CAETANO

“ As pessoas esquecem...só o direito dela.”

LUCAS

“As pessoas não têm...para todos.”

SALEMA

“Uma outra ocorrência que ficou marcada...da polícia militar.”

EXT/ BOTAFOGO/NOITE

LOCUTORA

A maneira que a sociedade vê vocês está só ligada a postura dos policiais ou existe alguma outra influência?

LUCIANA

“Eu acredito que existe...generalizam.”

Inserir foto de matéria de jornal.

DANTAS

“E nós temos muita coisa...mais feia.”

FELIX

“A mídia tem o papel...hoje está exposto.”

Vinheta CASOS

FELIX

“Essa aconteceu em Jacarepaguá...para casa.”

DAVSON

“É imprescindível...não quer raciocinar.”

INT/CARRO/TARDE

PEDROSA

“Uma vez tava de serviço...assistencial.”

Imagem saída do túnel.

SALEMA

“Quando a gente é um cidadão comum...como ser resolvida.”

PEDROSA

“Todo mundo visa...uma vez polícia, sempre polícia.”

Imagem do carro com a sirene ligada.

Viatura chegando ao batalhão- plano aberto - panzinha.

Plano americano Felix e Pedrosa saindo do batalhão.

VOICE-OVER PEDROSA

“O policial militar...tem que mudar.”

Imagem do título do vídeo.

Apêndice G – Capa do DVD

631 Conduta
Inconveniente



Daniela Pinheiro
Marisa Amorim

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Comunicação

Apêndice H – Ficha Técnica

Direção: Daniela Pinheiro da Silva e Marlisa de Oliveira Amorim

Produção: Daniela Pinheiro da Silva e Marlisa de Oliveira Amorim

Montagem e Finalização: Sérgio Brenner e Daniela Pinheiro da Silva

Sonorização e Mixagem: Alexandre Nascimento

Anexos

Anexo A – A Polícia Militar na Segurança Pública



Fonte: POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Site da PMERJ. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.policiamilitar.rj.gov.br/>. Acesso em: 07 Nov 2006.

Anexo B - Santos na Polícia

João Ubaldo Ribeiro

A respeito da polícia, costumamos agir da mesma forma que em relação a outros grupos ou categorias. Quando falamos mal dos políticos — e não é que não tenhamos razão, é outro aspecto do problema —, costumamos descrevê-los como se eles não se originassem de nós mesmos, o povo brasileiro. Como já disse aqui algumas vezes, não são marcianos, são gente como nós, a maior parte dos quais com biografias semelhantes às nossas. Aprendemos uma espécie de defesa automática, para exorcizar o grau de responsabilidade que cada um de nós tem, quer queira ou quer não, e usamos logo a terceira pessoa: os políticos brasileiros fazem isso ou aquilo, os funcionários públicos idem, e assim por diante, nada conosco.

Essa síndrome da terceira pessoa talvez fosse fenômeno merecedor de um estudo sociológico, com perdão da má palavra. Nunca somos nós, sempre são eles. E isso acontece das formas mais surpreendentes. Já saí andando com um amigo ou outro, para pegar o carro dele e nos queixando o tempo todo comportamento dos motoristas que se julgam, por exemplo, no direito de atropelar quem quer que atravesse a rua com o sinal fechado ou cometa o que ele considere uma imprudência. O amigo diz o diabo dos motoristas até entrar no carro, ocasião em que, instantaneamente, os pedestres deixam de ser nós para serem eles. E, ao volante, faz tudo o que acabava de condenar com tanta veemência. Da mesma forma se comporta quem, quando é cliente, é tratada aos pontapés, e quando é servidor, também trata o cliente aos pontapés.

Com a polícia, o comportamento não é diverso. A polícia são “eles”, nunca nós. Não são homens e mulheres nascidos e criados da mesma maneira que outros brasileiros, são “eles”. Claro que nunca defendi (e, aliás, não estou defendendo nada, são somente uns pontos de vista que quero expor) a brutalidade, a ineficiência ou a corrupção na polícia, nem tampouco encaro os marginais como gente fina que esta vida cruel levou ao crime, enquanto ignoro as mortes, o sacrifício e o heroísmo de muitos policiais — prática, infelizmente comum, na imprensa e em certos grupos de opinião.

Nos últimos dias, tem havido uma cobertura intensiva do crescente número de policiais mortos simplesmente porque carregam uma carteira funcional, ou vestem um uniforme. Foi polícia, tiro nele. E, porque são “eles”, encaramos suas mortes como algo alheio a nós e já ouvi até gente discursando para que se aja assim, porque afinal “essa polícia merece mesmo isso”, é o troco que está recebendo por não servir bem ou maltratar o cidadão.

Fico imaginando a vida de um policial honesto e, com toda a certeza, independentemente de alguma vocação, não a quereria para mim ou para ninguém em cujo destino pudesse influenciar. Agora policiais, mal pagos, mal preparados e vergonhosamente equipados convivem, ainda por cima, com a condenação à morte a que estão sujeitos, simplesmente por exercerem a profissão. E não só a condenação deles mesmos, mas também de suas famílias, da mulher aos filhos de colo. Vários deles, num ato impensável em qualquer país civilizado, mandam tirar carteiras de alguma outra profissão, para carregá-las nos bolsos quando estão de folga e assim escapar da “vingança” dos marginais. Outros escondem dos vizinhos e dos próprios filhos sua condição de policial.

E, ao que tudo indica, estamos achando isso tudo normal. Policial é policial, não só “ganha pra isso” como não é gente como nós, não tem medo, não tem fraquezas, não é sujeito a inveja, ressentimento, frustração, neurose ou até estresse. Executivo de multinacional tem estresse, dona de casa tem estresse, jornalista tem estresse, mas policial não, é moleza subir morro enfrentando armas de última geração e a hostilidade dos que sofrem com isso. Naturalmente, nada justifica atrocidades, brutalidade, venalidade, cumplicidade com criminosos — o que muitos policiais praticam e continuam praticando. Mas, se está muito longe de justificar, está muitíssimo perto de explicar.

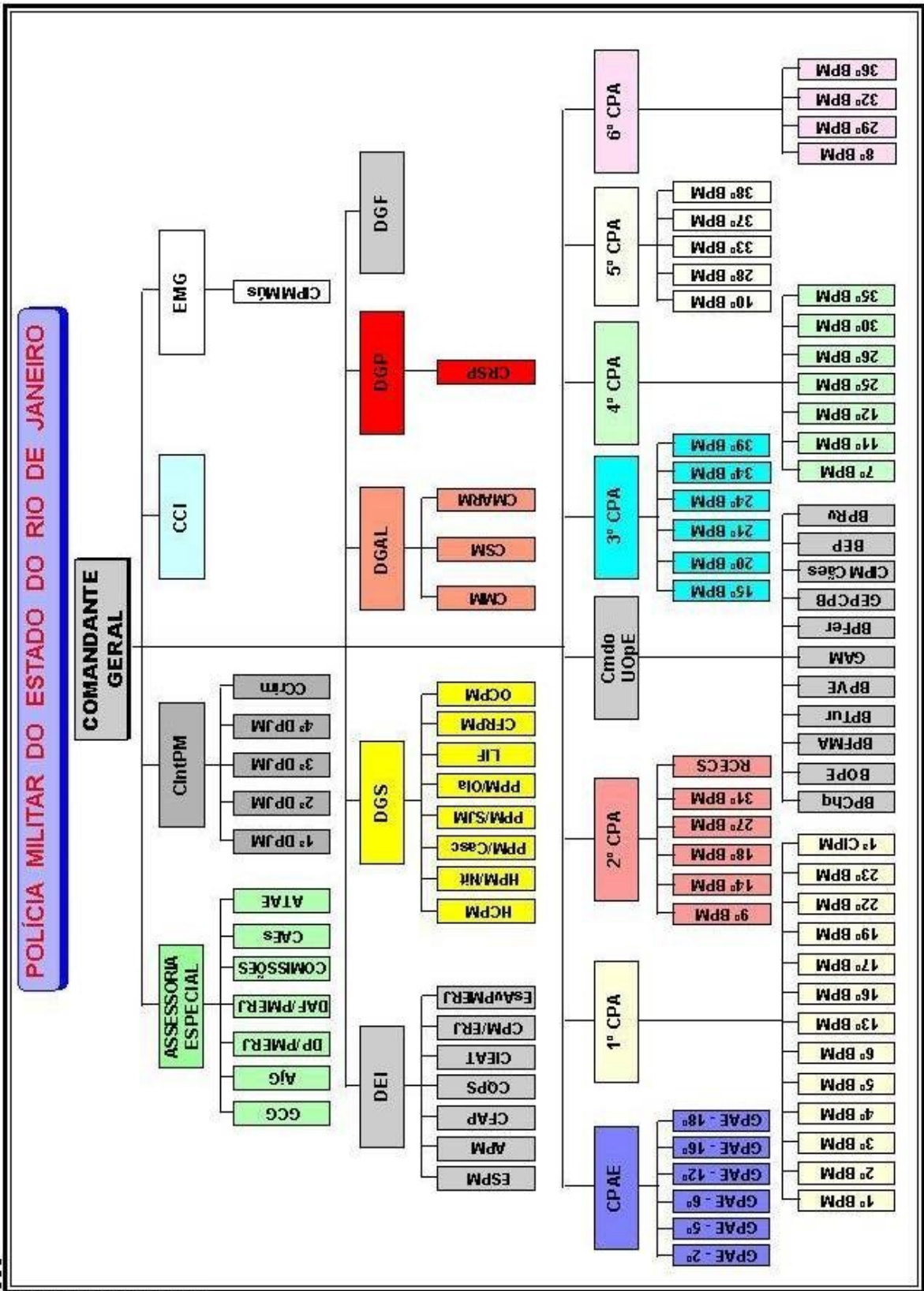
Que queremos na polícia? Santos? No país em que vivemos, somente santos com vocação ao martírio seriam os policiais que desejamos. Temos o direito de querer contar com uma polícia eficiente, atuante e respeitada pela comunidade, assim como temos o direito de exigir (apesar de nunca obtermos) mais ou menos as mesmas coisas de todas as autoridades. Hoje em dia, um policial manda um carro encostar a fim de que alguma suspeita seja verificada e é logo recebido à bala. No entanto, se aproximasse de nosso carro um policial já de arma na mão, abriríamos um berreiro no jornal, pois cidadão não é criminoso presumido, para ser abordado por um policial de arma em punho.

Verdade, mas que faríamos, no lugar desse policial? Pimenta no dos outros é sempre refresco e conheço gente que responderia — e o que é pior, sinceramente — que, se fosse policial, se comportaria como os americanos dos seriados de tevê. (Descubra o que acontece a um “cop killer”, matador de policiais, em Nova York e sua opinião seria um pouco abalada). Ouso discordar. A maioria de nós que fosse levada à condição de policial agiria até bem pior do que aqueles que critica. Bastariam uns meses, ou nem tanto, convivendo com a corrupção, que vem de cima e de todos os lados, a iniquidade, a desonestidade de parceiros, a grana curta, a execração da imprensa e do público (e quem é o primeiro a oferecer uma cervejinha ao guarda de trânsito, para ele esquecer a infração, não somos nós? quem chegou primeiro, o ovo ou a












































galinha?), o medo de morrer ou encontrar a família morta e tanta nojeira e pavor em que o policial é obrigado a chafurdar.

Mas não, nós queremos santos, iguais a nós, povo pacífico, cordato, incorruptível e respeitador da lei. Não temos um plano de segurança pública merecedor desse nome, negligenciamos a polícia, de que só lembramos para criticar, queremos que ela se lixe e também queremos que, em troca disso, seja exemplar. Quer dizer, queremos santidade. Não me considero exceção pessoal. Também tenho medo da polícia e também me horrorizo com muito do que ela faz. Acho que temos uma polícia que pode ser qualificada de ruim ou péssima. Mas também não acho que melhor qualificativo pode ser dado a nós como um todo, com a possível exceção de alguns padres, frades, freiras, pastores ou rabinos. Chato lembrar, mas a nossa polícia também somos nós, não foi o Diabo que a criou; fomos e continuamos sendo nós. (RIBEIRO,2000)

Anexo C - Organograma da PMERJ



Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

- [-]  [Comando-Geral](#)
 -  [Assessoria Técnica de Assuntos Especiais - ATAE](#)
 - [-]  [Corregedoria Interna - CIntPM](#)
 -  [1ª Delegacia de Polícia Judiciária Militar - 1ª DPJM](#)
 -  [2ª Delegacia de Polícia Judiciária Militar - 2ª DPJM](#)
 -  [3ª Delegacia de Polícia Judiciária Militar - 3ª DPJM](#)
 -  [4ª Delegacia de Polícia Judiciária Militar - 4ª DPJM](#)
 -  [Centro de Criminalística - CCrim](#)
 -  [Centro de Comunicação e Informática - CCI](#)
 -  [Departamento de Administração Financeira - DAF](#)
 -  [Departamento de Pessoal - DP/PMERJ](#)
- [-]  [Estado-Maior Geral - EMG](#)
 -  [1ª Seção do EMG \(Pessoal\)](#)
 -  [2ª Seção do EMG \(Inteligência\)](#)
 -  [3ª Seção do EMG \(Operações\)](#)
 -  [4ª Seção do EMG \(Logística\)](#)
 -  [5ª Seção do EMG \(Comunicação Social\)](#)
 -  [Assessoria de Planejamento, Orçamento e Modernização \(APOM\)](#)
-  [Ajudância Geral \(AjG\)](#)
- [-]  [Comandos Intermediários](#)
 - [-]  [1º Comando de Policiamento de Área – 1º CPA](#)
 -  [1º CIPM \(Palácio Guanabara\)](#)
 -  [1º BPM \(Estácio\)](#)
 -  [2º BPM \(Botafogo\)](#)
 -  [3º BPM \(Méier\)](#)
 -  [4º BPM \(São Cristóvão\)](#)
 -  [5º BPM \(Harmonia\)](#)
 -  [6º BPM \(Andaraí\)](#)
 -  [13º BPM \(Praça Tiradentes\)](#)
 -  [16º BPM \(Olaria\)](#)
 -  [17º BPM \(Ilha\)](#)
 -  [19º BPM \(Copacabana\)](#)
 -  [22º BPM \(Maré\)](#)
 -  [23º BPM \(Leblon\)](#)
 - [-]  [2º Comando de Policiamento de Área – 2º CPA](#)
 -  [9º BPM \(Rocha Miranda\)](#)
 -  [14º BPM \(Bangu\)](#)
 -  [18º BPM \(Jacarepaguá\)](#)
 -  [27º BPM \(Santa Cruz\)](#)
 -  [31º BPM \(Recreio\)](#)
 - [-]  [3º Comando de Policiamento de Área – 3º CPA](#)
 -  [15º BPM \(Caxias\)](#)
 -  [20º BPM \(Mesquita\)](#)

- [21° BPM \(São João de Meriti\)](#)
- [24° BPM \(Queimados\)](#)
- [34° BPM \(Magé\)](#)
- [39° BPM \(Belford Roxo\)](#)
- [4° Comando de Policiamento de Área – 4° CPA](#)
 - [7° BPM \(Alcântara\)](#)
 - [11° BPM \(Friburgo\)](#)
 - [12° BPM \(Niterói\)](#)
 - [25° BPM \(Cabo Frio\)](#)
 - [26° BPM \(Petrópolis\)](#)
 - [30° BPM \(Teresópolis\)](#)
 - [35° BPM \(Itaboraí\)](#)
- [5° Comando de Policiamento de Área – 5° CPA](#)
 - [10° BPM \(Barra do Pirai\)](#)
 - [28° BPM \(Volta Redonda\)](#)
 - [33° BPM \(Angra dos Reis\)](#)
 - [37° BPM \(Resende\)](#)
 - [38° BPM \(Três Rios\)](#)
- [6° Comando de Policiamento de Área – 6° CPA](#)
 - [8° BPM \(Campos\)](#)
 - [29° BPM \(Itaperuna\)](#)
 - [32° BPM \(Macaé\)](#)
 - [36° BPM \(Santo Antônio de Pádua\)](#)
- [Comando de Policiamento de Áreas Especiais – CPAE](#)
 - [Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/2° BPM \(GPAE Cantagalo\)](#)
 - [Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/5° BPM \(GPAE Providência\)](#)
 - [Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/6° BPM \(GPAE Formiga\)](#)
 - [Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/12° BPM \(GPAE Morro do Cavalo\)](#)
 - [Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/16° BPM \(GPAE Vila Cruzeiro\)](#)
 - [Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais/18° BPM \(GPAE de Rio das Pedras\)](#)
- [Comando de Unidades Operacionais Especiais – Cmdo UOpE](#)
 - [Companhia Independente de Policiamento com Cães - CIPM Cães](#)
 - [Batalhão Especial Prisional - BEP](#)
 - [Batalhão de Operações Policiais Especiais - BOPE](#)
 - [Batalhão de Polícia de Choque - BPChq](#)
 - [Batalhão de Polícia Florestal e do Meio Ambiente - BPFMA](#)
 - [Batalhão de Polícia Rodoviária - BPRv](#)
 - [Batalhão de Policiamento em Áreas Turísticas - BPTur](#)
 - [Batalhão de Policiamento Ferroviário - BPFer](#)
 - [Batalhão de Policiamento em Vias Especiais - BPVE](#)
 - [Grupamento Aeromarítimo - GAM](#)
 - [Grupamento Especial de Policiamento em Estádios - GEPE](#)
 - [Grupamento Especial de Policiamento do Complexo Penitenciário de Bangu - GEPCPB](#)
 - [Grupamento Tático de Motociclistas - GTM](#)

-  [Módulo Operacional de Vias Especiais - MOVE](#)
 -  [Regimento Coronel Enyr Cony dos Sabntos - \(RCECS\)](#)
 -  [Rondas Ostensivas Coronel Nazareth Cerqueira - RONaC](#)
-  **Órgãos Setoriais**
 -  **Diretoria de Ensino e Instrução (DEI)**
 -  [Academia de Polícia Militar Dom João VI - APM D.João VI](#)
 -  [Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças 31 de Voluntários - CFAP 31 Vol](#)
 -  [Centro de Instrução Especializada em Armamento e Tiro - CIEAT](#)
 -  [Centro de Qualificação de Profissionais de Segurança - CQPS](#)
 -  [Escola Superior de Polícia Militar - ESPM](#)
 -  **Diretoria Geral de Saúde (DGS)**
 -  [Centro de Fisiatria e Reabilitação da Polícia Militar - CFRPM](#)
 -  [Grupamento Especial de Salvamento e Ações de Resgate - GESAR](#)
 -  [Hospital Central da Polícia Militar - HCPM](#)
 -  [Hospital da Polícia Militar/Niterói - HPM/Nit](#)
 -  [Laboratório Industrial Farmacêutico - LIF](#)
 -  [Odontoclínica Central da Polícia Militar - OCPM](#)
 -  [Policlínica da Polícia Militar/Cascadura - PPM/Cas](#)
 -  [Policlínica da Polícia Militar/Olaria - PPM/Ola](#)
 -  [Policlínica da Polícia Militar/São João de Meriti - PPM/SJM](#)
 -  **Diretoria Geral de Finanças (DGF)**
 -  **Diretoria Geral de Pessoal (DGP)**
 -  [Centro de Recrutamento e Seleção de Praças - CRSP](#)
 -  [Diretoria de Assistência Social - DAS](#)
 -  [Diretoria de Inativos e Pensionistas - DIP](#)
 -  **Diretoria Geral de Apoio Logístico (DGAL)**
 -  [Centro de Manutenção de Armamento e Recarga de Munições - CMARM](#)
 -  [Centro de Manutenção de Material - CMM](#)
 -  [Centro de Suprimento de Material - CSM](#)
 -  [Companhia Independente de Polícia Militar de Músicos - CIPM Mus](#)

Anexo D – Modelo do Termo de Cessão de Imagem

Eu, _____, brasileiro(a), CPF - _____, autorizo que esta entrevista possa ser usada em parte ou em sua totalidade na composição do vídeo cujo tema é a Imagem da PM para a sociedade (ainda sem título), a ser realizado por Marlisa de Oliveira Amorim e Daniela Pinheiro da Silva como projeto final para a graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autorizo a divulgação e uso do conteúdo dessa entrevista, seja ele composto de imagem e/ou som, para qualquer veiculação, seja ela por meios analógicos ou digitais, tais como DVDs, CDs, exibições públicas ou material de divulgação na *internet*, sem esperar qualquer retorno por parte da produção desse material.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2008.

Anexo E – Autorização da PMERJ

AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO

Eu, TEN CEL PM RG 43.561 ROGÉRIO Luiz Teixeira Leitão, na função de Chefe do EMG-PM/5, autorizo em nome do Comando da Corporação a realização do vídeo cujo tema versa sobre um fragmento da auto-imagem da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, com o uso de locações da Corporação, a ser realizado pela 1º Ten PM RG 80.433 MARLISA de Oliveira Amorim (EMG-PM/5) e Daniela Pinheiro da Silva, como Projeto de Final de Curso para Graduação em Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Está autorizada a divulgação e uso do conteúdo do vídeo intitulado *631 Conduta Inconveniente*, com duração de até 20 min, composto de imagens e áudio, contendo entrevistas com membros da PMERJ que voluntariamente autorizaram a exibição de suas imagens. A exibição do vídeo está autorizada somente na sua totalidade para qualquer veiculação, por meios analógicos ou digitais, tais como DVDs, CDs, exibições públicas ou material de divulgação na *internet*, sem esperar qualquer retorno por parte da produção desse material. Não está autorizado futuras edições no material colhido durante as gravações, bem como no produto final apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 26 Novembro de 2008.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2008.



Rogério Luiz Teixeira Leitão
TEN CEL PM RG 43.561

Anexo F – Autorização de Trilha Sonora

AUTORIZAÇÃO DE TRILHA SONORA

Eu, MAJ PM RG 53.378 ANTÔNIO CARLOS ROSA, na função de Chefe da Companhia Independente de Músicos da PMERJ, autorizo a utilização da versão feita por essa versão feita por essa Companhia à canção Copacabana, referente à faixa nº 3 do CD da Banda Sinfônica em comemoração aos 188 anos da Corporação (ano de 1997), para fazer parte da trilha sonora do vídeo cujo título, 631 Conduta Inconveniente, realizado pela 1ª TEN PM RG 80.433 Marlisa de Oliveira Amorim (EMG-PM/5) e Daniela Pinheiro da Silva, como projeto final de Curso para Graduação em Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Esta autorização se estende a divulgação do vídeo para qualquer tipo de veiculação, por meios analógicos ou digitais, tais como, DVD's, CD's, exibições públicas ou materiais de divulgação na internet, sem esperar qualquer retorno por parte da produção desse material.

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 2008.


Antonio Carlos Rosa Maj PM Mus
Comandante